

Sumário

Vida Espiritual

- 386 Intervenção no Sínodo dos Bispos em Roma
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 392 Carta de 7 de novembro de 2008
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 394 Advento 2008
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 398 Pista para a jornada mensal de reflexão e de oração:
“Servi ao Senhor com alegria!”
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 408 Homilia da Eucaristia de 27 de novembro de 2008 na Capela da
Medalha milagrosa
Dom Jean-Michel Di Falco, Bispo de Gap e de Embrun

Desafios atuais

- 412 Missão no Cazaquistão: “A pastoral da presença
Província de Chelmno
As Irmãs em missão no Cazaquistão
- 419 Missão em Balta, Ucrânia
Província de Cracóvia
As Irmãs em missão em Balta

Atualidade das Províncias

Nomeações

- 422 Designação das Visitadoras e nomeações dos Diretores Provinciais

Visita dos Superiores

- 424 Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral: Visita na Tanzânia
As Irmãs de Masanga

História da Companhia

No tempo de São Vicente... e hoje

- 428 A fé de São Vicente

- I. São Vicente, aquele que crê
II. São Vicente, aquele que desperta e anima a fé
Padre Jean Morin, cm

- 451 Carta de Santa Bernadette Soubirous a uma Filha da Caridade,
Teresa Tortoriello (Trecho de “Informazione Vincenziana”)

Índice das matérias

- 455 Índice das matérias de 2008

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Sínodo dos Bispos em Roma
*“A Palavra de Deus na vida
e na missão da Igreja”*

Intervenção de Irmã Evelyne Franc,
Auditora no Sínodo dos Bispos,
Roma, 14 de outubro de 2008

INTRODUÇÃO

O Sínodo dos Bispos, instância permanente da Igreja Católica criado por Paulo VI realizou sua 12ª Assembléia geral ordinária em Roma de 5 a 26 de outubro de 2008. Convocada pelo Papa Bento XVI, teve por tema “a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. Um pouco mais de 40 anos, depois do Vaticano II, a Igreja Católica quis fazer o balanço da decisão sobre o acesso direto de todos os fiéis ao texto original da Bíblia.

Esta 12ª Assembléia geral reuniu 253 Padres sinodais (Bispos ou especialistas do mundo inteiro), 41 especialistas e 37 auditores. O número de mulheres convidadas para participar deste Sínodo foi de 25. Dentre elas, 6 especialistas e 12 auditoras, dentre as quais, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral das Filhas da Caridade.

Este Sínodo fora preparado em duas etapas:

- Um primeiro documento, recenseando as problemáticas sobre o tema e finalizando por questões, fora enviado pela Secretaria geral do Sínodo a todos os episcopados e ordens religiosas para que elas se manifestassem por escrito.

- Esta consulta abriu a segunda etapa: *Instrumentum laboris*, síntese das respostas para a consulta mundial. Esta conjuntura dos lugares serviu de base para a reunião propriamente dita da Assembléia.

A reflexão desta 12ª Assembléia ordinária durou três semanas com os pronunciamentos individuais e os trabalhos por grupos lingüísticos finalizando em proposições votadas e, depois, transmitidas ao Papa. Durante a segunda semana, Irmã Evelyne foi convidada a se expressar perante o Sínodo dos Bispos... Em sua intervenção “*a Palavra de Deus, os pobres, os jovens e a Medalha milagrosa*”, Irmã Evelyne apresentou a Palavra de Deus no serviço dos pobres, mas também na pastoral da juventude e na piedade popular. Ela ressaltou o quanto a escuta desta Palavra é fonte de energia para as Comunidades e as conduz a traduzi-la em ato, na escuta e, no serviço dos pobres, bem como, no acompanhamento dos jovens. Irmã Evelyne concluiu seu pronunciamento, apresentando o lugar da Medalha, resituada no conjunto da Mensagem das aparições de 1830 a Catarina Labouré, como um caminho de evangelização.

INTERVENÇÃO DE IRMÃ EVELYNE FRANC NO SÍNODO

Santíssimo Padre, Eminências, Excelências, Padres e Irmãs, caros amigos. Permitam-me começar esta comunicação expressando-vos minha alegria em participar neste Sínodo. Meço a graça recebida e vos agradeço também por me conceder a palavra hoje.

Apresento-vos duas reflexões nascidas do estudo do *Instrumentum Laboris*:

- A Palavra de Deus no coração de nossa vida.
- O anúncio da Palavra através do nosso serviço dos pobres.

1. A Palavra de Deus no coração de nossa vida (*Instrumentum Laboris* nº 24, 38, 52).

Duas frases de São Vicente devem ser citadas, elas parecem opor-se e, no entanto, se completam:

- “A oração é tão excelente que não a podemos fazer muito” (Coste IX, página 414).
- “Deixai Deus por Deus” (Ibid X, página 595).

O número 52 que trata do serviço das pessoas consagradas envia à Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, nº 94: “*da meditação da Palavra de Deus... nasce a intensidade da contemplação e o ardor da ação*”.

Seria preciso compará-la também com o nº 7 da Instrução “O serviço da Autoridade e da Obediência” da Congregação para os Institutos de vida consagrada e das Sociedades de vida apostólica: “A (...) *frequência cotidiana, amorosa à Palavra educa para descobrir os caminhos da vida e as modalidades pelas quais Deus quer libertar os seus filhos; alimenta o instinto espiritual para as coisas que agradam a Deus; transmite o sentido e o gosto pela sua vontade; dá a paz e a alegria de permanecer na fidelidade a Ele*”.

Foi a Palavra que nos chamou, convocou. Ela é presença, é ação de Deus em nós, “ela transforma a vida daqueles que dela se aproximam na fé” I.L. nº 24. É dela que vivemos e é com ela que aprofundamos nosso dom total a Deus, para o serviço de Cristo nos pobres. Estamos na escola de Maria, esperando poder com ela *sair da Palavra e a ela voltar com naturalidade*. (cf. Deus Caritas est, nº 41).

A Palavra nos desperta cada manhã e nos acompanha ao longo do dia através da Liturgia das Horas, da Eucaristia, dos tempos de oração e de serviço. Ela é, ao mesmo tempo, doce como o mel e amarga como o fel; ela conforta e sacode, provoca a avançar mais adiante, e nos desinstala.

A partilha da Palavra revigora nosso engajamento apostólico, é fator de unidade e caminho de perdão, de reconciliação e de discernimento. Esta partilha, bem enraizada na Palavra de Deus, constitui um ponto de apoio para a vida espiritual de cada uma, é um ponto de segurança para a vida fraterna em Comunidade. É ainda mais necessária na nossa época onde, nos cinco continentes, as Irmãs, em proximidade de coração e de vida com os pobres são, às vezes, confrontadas com situações de dificuldade extrema. A partilha da Palavra fortifica, pois, seu sentido de pertença a Cristo, unindo-as estreitamente à Comunidade que as envia e à missão da Igreja.

Tudo isso, exige uma boa formação inicial e contínua, esta formação, inicial e contínua, que o *Instrumentum Laboris* aborda muitíssimas vezes. Os jovens que batem à nossa porta chegam com avidez para conhecer a Palavra, com uma alma ardente e também, com muita freqüência, uma falta de conhecimentos doutrinários básicos.

É preciso prepará-las para dar novas respostas aos apelos contínuos de Deus, a desenvolver convicções de fé, fundamentadas na experiência de Deus, na oração, nos conhecimentos bíblicos e doutrinários sólidos que alimentam seu amor à Igreja e o sentido da participação na missão (cf. Constituições das Filhas da Caridade). Esta formação é completada por um acompanhamento espiritual, baseado na Palavra de Deus.

2. O anúncio da Palavra através de nosso serviço aos pobres. (*Instrumentum Laboris* n° 36, 39, 43, 44)

“*Não basta amar a Deus se o meu próximo não o ama*”, dizia São Vicente de Paulo (Coste XII, página 262).

Nosso serviço tem por finalidade revelar o Senhor aos pobres, anunciar-lhes o Evangelho, explicitamente onde for possível, sempre através de nossa vida.

É preciso saber unir o serviço corporal e o serviço espiritual, obra de promoção integral da pessoa e obra de evangelização (cf. Deus Caritas est n° 30) que evoca ***a feliz união entre evangelização e obras de caridade***, e I.L. n° 39.

A Palavra nos impulsiona a servir não somente para combater a fome material, a miséria; nos impulsiona também a trabalhar por um mundo em que todos sejam respeitados, nos impulsiona a denunciar as injustiças. Impõe-se uma dupla leitura da Palavra: ler a vida dos pobres à luz das Escrituras e ler as Escrituras a partir do ponto de vista dos pobres que são o sacramento de Cristo no meio de nós e que nos evangelizam.

Para terminar, quero dizer algo sobre o anúncio da Palavra na pastoral dos jovens e na piedade popular.

Os jovens dos cinco continentes respondem com entusiasmo aos desafios lançados por ocasião das Jornadas Mundiais da Juventude: “***Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo***” (Mt 5, 13-14) em Toronto; “***Vimos adorá-lo***” (Mt 2,2) em Colônia; “***Recebereis uma força, quando o Espírito Santo vier sobre vós e deste modo sereis minhas testemunhas***” (At 1, 8) em Sidney. Os jovens esperam de nós tais desafios e estão dispostos a aceitá-los se caminharmos junto a eles, vivermos desta Palavra e soubermos transmiti-la.

No número 36 do *Instrumentum Laboris* cita a piedade popular, dou um exemplo: a Medalha Milagrosa oferecida a tantas pessoas no mundo é um humilde instrumento de catequese, um resumo da história da salvação que permite anunciar a Palavra de Deus.

Esta Palavra, Maria, a mulher eucarística, nosso modelo de vida espiritual, recebeu-a plenamente e no-la partilha totalmente.

Irmã Evelyne FRANC
Superiora geral
Auditora no Sínodo dos Bispos

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

7 de novembro de 2008

Minhas queridas Irmãs,

Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Em meu retorno de Roma e antes de empreender uma viagem ao Quênia em companhia de Irmã Margaret Barrett, depois, dar uma volta pela Ásia com Irmã Julma Neo, da China continental ao Vietnã, passando por Taiwan, sinto-me feliz em transmitir-lhes algumas notícias de família.

Os problemas atuais que estão acontecendo no Leste do Congo, próximo da fronteira ruandesa, têm conseqüências dramáticas sobre as populações civis. Nossas Irmãs estão estabelecidas principalmente nas regiões do Equador e Kinshasa, ao oeste, bem distante dos combates entre os rebeldes, exército regular e forças da ONU, mas, claro, elas sentem profundamente estas lutas internas que desestabilizam o país inteiro. Algumas Irmãs são originárias da zona de combate e temem pela segurança de suas famílias. Providencialmente, socorros para estas famílias provadas puderam ser enviados graças à Província da África Central. Estamos unidas na oração pela Paz no Congo.

Irmã Grace Moolan, Visitadora da Índia do Norte, comunicou-me recentemente que as manifestações no Estado de Orissa (onde nós temos 23 comunidades locais) se acalmam. Todas sabem que estas manifestações provocaram a morte de um militante hinduísta, no dia 23 de agosto, assassinato que foi atribuído aos cristãos e marcou o começo das perseguições. O mês de setembro foi terrível, muitos cristãos foram mortos, seus bens roubados, suas casas incendiadas. A partir do mês de outubro, o governo interveio e a polícia protegeu os cristãos, reagrupando-os em acampamentos. Graças a Deus, à proteção da Virgem Maria e às orações das Irmãs da Índia e da Companhia inteira, nossas Irmãs, que nunca deixaram suas Comunidades - onde elas frequentemente têm passado a noite em oração diante do Santíssimo Sacramento – foram poupadas. Elas se apressam nos acampamentos para alimentar, cuidar dos “refugiados” e dar aulas às crianças, foram instalados dois acampamentos nas proximidades de nossas casas. A fé, a coragem e a disponibilidade de nossas Irmãs da Índia e das Irmãs de tantas outras Províncias, diante de tais acontecimentos trágicos, devem ser inscritos no livro da vida da Companhia.

As três semanas que passei em Roma, por ocasião do Sínodo sobre a Palavra de Deus, são difíceis de resumir em algumas linhas e eu terei a oportunidade de voltar a falar sobre este assunto. Menciono apenas algumas características que me marcaram: a presença quase constante do Santo Padre, sua escuta atenta e sua delicada proximidade para com todos os participantes, a seriedade e a simplicidade dos debates e o objetivo pastoral das intervenções. Um dos pontos fortes foi saber como favorecer uma leitura da Palavra de Deus, que faça os cristãos crescer pessoal e comunitariamente, na vida espiritual, e os torne cada dia, mais capazes de dar um testemunho credível do amor comunicativo da Revelação cristã? O trabalho feito nos grupos lingüísticos foi também uma graça. O meu, reagrupava os Bispos de língua francesa vindos de dioceses do Brasil, Chade, Canadá, Síria, Turquia, Líbano, Terra Santa, Irã, Congo, Ruanda, Haiti, Ilhas Maurício, Vietnã, Bélgica e França. Neste grupo, rezamos, partilhamos textos evangélicos, conversamos com muita liberdade para apresentar proposições. Quero destacar enfim, a alegria de ter conhecido muitos Bispos felizes por terem as Filhas da Caridade em suas dioceses, menciono rapidamente o Bispo de Astana (Cazaquistão), o de Matanzas (Cuba), o de Machala (Equador) e muito outros, sem esquecer o Bispo de Nouna, em Burquina Faso, onde as Irmãs da Nigéria e de África do Norte começarão uma nova missão em 2009.

Concluo esta carta de notícias, citando a Mensagem final do Sínodo *“O cristão - a Filha da Caridade - tem (...) a missão de anunciar esta Palavra divina de esperança, por sua partilha com os pobres e os sofredores, pelo testemunho de sua fé no Reino de verdade e vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz, por sua proximidade apaixonada que não julga nem condena, mas que sustenta, ilumina, conforta e perdoa, nas trilhas das palavras de Cristo: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei”*. Mt. 11, 28 (Mensagem n° 13).

Feliz festa de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, de Santa Catarina Labouré e do aniversário da Fundação de nossa Companhia. Com minha oração e afeição fraterna,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Advento 2008

A todos os membros da Família Vicentina

Queridas irmãs e irmãos,

A Graça e a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam em seus corações agora e sempre!

“Não havia lugar para eles”. A citação acima tirada do Evangelho de Lucas, capítulo segundo, versículo 7, é bem conhecida de todos nós; este versículo é proclamado na Missa de meia-noite de Natal. Meus irmãos e irmãs, vocês e eu somos convidados a refletir, durante este Advento, sobre este conceito: não há lugar para eles, não há lugar

para os outros, não há lugar. Eles são esquecidos, aqueles que ninguém cuida, aqueles que são rejeitados. O próprio Jesus nasceu nesta situação e experimentou isto ao longo de sua vida, e mesmo no fim, ele foi totalmente rejeitado, condenado a morrer como um criminoso sobre uma cruz.

Jesus, especialmente no Evangelho de Lucas, mostra sua solidariedade com aqueles que são rejeitados e marginalizados. Os leprosos eram, por aqueles de seu tempo, rejeitados, insultados, sempre ridicularizados. Que o tempo do Advento, meus irmãos e irmãs, nos ofereça a ocasião de refletir seriamente sobre quem somos como discípulos de Cristo. Somos chamados a seguir Jesus, mas não de longe, nem à sua sombra. Somos chamados a pôr nossos passos nos seus, em outras palavras, a segui-lo de tão perto, que façamos nós mesmos a experiência do espírito que o motivou a fazer a vontade de seu Pai.

Minha história de Natal para este Advento trata de uma tentativa de reunir aqueles que são esquecidos, os deixados de lado, aqueles para quem não havia lugar. Quando eu era formador na missão do Panamá, como superior da Casa, oferecia ao co-irmão Panamense a oportunidade de estar com sua família durante as festas de Natal, visto que os estudantes haviam também viajado. Eu assumia as responsabilidades pastorais que tínhamos: celebrar três a quatro Missas, durante estes dias particulares, ao longo da oitava de Natal. Para ser honesto, eu sofria com a ausência de minha Comunidade, tanto dos seminaristas quanto dos colegas de formação. Sentia a solidão.

Durante vários anos, tinha o costume de me reunir com algumas pessoas para celebrar o Natal. Uma delas, em particular, era um prisioneiro que pagava uma pena por tráfico de droga, mas por causa de seu bom comportamento, tinha a permissão para passar os fins de semana conosco, e fazia atividades de serviços pastorais. Da mesma forma, havia um jovem jóquei que tinha sido forçado a abandonar sua Pátria e sua família por ter sido seriamente implicado em operações ilegítimas num movimento radical de seu país. Em seguida, havia ali uma jovem mulher que vivia no interior do país do Panamá e que, por causa de seu trabalho, não podia viajar para estar com sua família.

Com este grupo e com outras pessoas, nós nos reuníamos na véspera de Natal. Primeiramente para celebrar a Eucaristia juntos, em seguida, voltar para casa e preparar uma refeição que partilhávamos com outros, inclusive as pessoas da rua que “viviam” em nosso bairro. Finalmente cantávamos canções e eles dançavam, passávamos juntos um momento agradável, celebrando a alegria do Cristo nascido em nós.

Meus irmãos e irmãs, enquanto nós nos preparamos para receber o Cristo mais plenamente em nossas vidas, peço-lhes que vejam o lugar que darão àqueles que não o têm. Durante várias de minhas visitas mais recentes à Família Vicentina pelo mundo, fiquei particularmente sensibilizado, impressionado é o mínimo que se possa dizer, precisamente pelo problema dos marginalizados e dos rejeitados. A primeira experiência foi em Madagascar. Há uma tribo que foi rejeitada da sociedade durante mais de 500 anos. Como um de nossos missionários me dizia, estes são aqueles que o resto da sociedade considera como cachorros. E é precisamente um de nossos confrades franceses que manifestou sua solidariedade para com estes rejeitados, vivendo no meio deles, partilhando com eles sua vida e refeições. Ao ouvir contar esta história, ele então disse: “olhem, eu também sou um cachorro!”. Hoje, os membros da Família Vicentina e um outro coirmão francês, particularmente da missão de Madagascar, trabalham com os filhos destes rejeitados para que, pouco a pouco, eles sejam integrados na sociedade. É uma tarefa difícil a realizar. Ninguém quer falar daqueles que são postos de lado. Ninguém quer saber que aí existe um problema.

Minha experiência no Congo, ensinou-me muito sobre a tribo dos rejeitados, os Pigmeus, um povo que vive só para os outros. Eles mesmos se tornam escravos, porque compreendem ser esta sua identidade. Vivem na periferia das aldeias; mantêm distância do resto da população. Quando cruzam com o olhar dos outros, abaixam a cabeça.

Recentemente, li o resumo da tese de um co-irmão nigeriano sobre a tribo dos rejeitados do seu país, os Osu. A discriminação feita contra eles por parte de outras pessoas de seu próprio país é inacreditável. Isto me levou a pensar e refletir que não é só em certos países que existem discriminações. Em todas as nossas sociedades, existem excluídos, marginalizados, aqueles com quem a relação é tabú. Em outras palavras, estes são aqueles para os quais não há lugar.

Os diferentes tipos de discriminação, a rejeição de um pelo outro, podem ser compreendidos como uma forma de racismo. O racismo é, em si mesmo, uma forma de medo, medo do desconhecido, medo daqueles que são diferentes. O racismo consiste em práticas propositadas, bem como em processos espontâneos, é uma consequência de atitudes negativas em relação a outros grupos sociais.

Nossos preconceitos se formam desde a infância. Eles são condicionados por nossa cultura e só podem ser transformados quando tomamos consciência disto. Devemos aprender a conhecer os outros, pondo de lado nossos medos. Frequentemente as pessoas são tratadas de maneira desumana, cruel ou humilhante, simplesmente porque elas são diferentes.

Estas são as principais dificuldades que um bom número de migrantes encontra pelo mundo. Ultimamente li um relatório sobre a discriminação, cujos imigrantes são vítimas na Líbia, ou ainda a discriminação que os Filipinos sofrem em muitos de seus países de acolhimento. Este tipo de racismo ou de discriminação sempre justifica formas modernas de escravidão, de exploração, implicando sempre em violência. Devemos reconhecer que o racismo em si, é mais do que simplesmente um sentimento de superioridade racial. É antes um sistema estrutural de dominação social, política e econômica. Como cristãos, acreditamos na universalidade do amor de Deus. Não podemos permitir nem tolerar tais formas de exclusão e de discriminação.

Rezo e espero que este Advento possa nos ajudar a aprofundar nosso compromisso como discípulos de Jesus Cristo, evangelizando e servindo os pobres, particularmente aqueles que estão sós, os rejeitados, os marginalizados. Desejemos que, de uma maneira ou de outra, possamos partilhar sua solidão, sua exclusão, seu sofrimento de ser considerados menos que o resto da sociedade. E, em solidariedade com eles, poderíamos, juntos, viver o verdadeiro significado do Natal e nos sentirmos mais plenamente unidos Àquele que nasceu em um mundo onde não havia lugar para Ele.

Hoje, Cristo continua nascendo nesta situação e nós somos chamados a seguir seus passos, pôr nossos passos nos seus, nos fazendo um com o esquecido, o abandonado, o solitário, o rejeitado, o excluído. Por ocasião de minha recente visita a um acampamento de refugiados na Tailândia, os jovens que lá se encontravam me lançaram um apelo o qual eu considero ser dirigido a todos nós: “Padre, reze por nós, não nos esqueça e nem nos abandone como os outros o fizeram”.

Meus irmãos e irmãs, este assunto referente àqueles para quem não há lugar é de uma extrema importância, tanto e tão bem que continuarei refletindo sobre isto este ano, especialmente em minha carta de Quaresma, em preparação à Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Príncipe universal da Paz.

Que Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, nos guie com ternura enquanto tentamos conformar nossa vida com a de seu Filho. “...E deu à luz seu filho primogênito, e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2, 7).

Seu irmão em São Vicente,

Padre G. Gregory Gay, C.M.
Superior Geral

PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL

PISTA PARA O RETIRO MENSAL

“Servi ao Senhor com alegria!” (Sl 99, 2)

A alegria e o gozo são frutos do Espírito Santo, como nos assegura São Paulo (cf. Gal 5, 22). Portanto, devemos pedir com insistência ao Espírito Santo que nos conceda esse tesouro tão necessário para evangelizar e servir hoje. Mas, o tesouro não vem sozinho; é preciso ir buscá-lo. O dom da alegria e do gozo só se torna realidade quando a vontade humana entra em ação. Por conseguinte, a alegria é um dom e uma tarefa, um pedido e um desejo voluntário, um presente e um investimento, ao mesmo tempo.

Em 1621, Vicente decidiu revisar seu próprio temperamento durante o Retiro que ele fez em Soissons. Preocupava-lhe, às vezes, sua maneira de ser um pouco seca e mal-humorada. Ele mesmo confessa: “*pedi ao Senhor que me concedesse um espírito manso e benigno*”¹. Confiou-o assim, insistentemente, ao Senhor. Pelos seus biógrafos sabemos que, com a oração, ele também empreendeu a tarefa de trabalhar seu interior. O resultado, segundo Abelly, foi que ele se tornou um dos homens mais amáveis de seu tempo.

Todos nós conhecemos bem a forte preocupação de São Vicente pelo sofrimento humano, pela ignorância do povo simples, a fome e as guerras que se estendiam por todos os povoados e cidades da França do século XVI. E, não obstante, nunca deixou de aconselhar a todos aqueles que trabalhavam com ele, chamados a uma mesma vocação, para conservar o bom humor e a alegria. Por exemplo, ele diz aos missionários: “*Nos recreios e na conversa ordinária uniremos de tal maneira a modéstia com o bom humor, que sempre misturemos, dentro do possível, o útil com o agradável e assim daremos bom exemplo*”². Várias vezes, ele pede com insistência a Santa Luísa para que “*honrasse a alegria de Nosso Senhor e a de sua santa Mãe*”³. (I, 346). E quanto mais ela se encontra envolvida com sentimentos de tristeza, devido a situações pessoais e familiares, mais São Vicente a encoraja à alegria.

Depressa São Vicente descobre que a alegria é importante não apenas para responder à vida, mas também, é uma característica do serviço que as Filhas da Caridade são chamadas a realizar. No primeiro Regulamento da Confraria da Caridade de Châtillon-les-Dombes do ano 1617, pode-se já observar esta orientação: “*A que estiver de dia, depois de pedir tudo o que for necessário à tesoureira, a fim de poder dar aos pobres a comida daquele dia, preparará o jantar, levará aos doentes, cumprimentando-os com alegria e caridade...*”⁴. O mesmo conselho repetirá nos Regulamentos posteriores.

ALEGRIA, GOZO, FELICIDADE...

Deve existir uma certa diferença entre a alegria, o gozo e a felicidade, bem como a realização pessoal. Talvez, o gozo seja mais interior, e a alegria mais expansiva. A felicidade, sem dúvida, refere-se ao bem-estar pessoal em todo o seu conjunto, ao equilíbrio pessoal que nos faz viver sem fazer barulho, a estabelecer relações positivas com os outros e, recolher em troca o apreço e a estima de todos. A realização pessoal tem muito a ver com o sentido da vida, com a dedicação e o trabalho ao qual nos dedicamos. Se o trabalho que fazemos corresponde às nossas aspirações, ao nosso ideal, ao nosso objetivo, então, nós nos realizamos como pessoa, do contrário, não.

Não precisamos assinalar com precisão todos os conceitos relacionados à alegria. Nesta palavra englobamos todos, porque não se trata de fazer um estudo sobre palavras, mas nos questionarmos sobre uma realidade que pode dar muita qualidade à nossa vida e às nossas obras. Se não vivemos com alegria nossa vocação e nosso serviço, faríamos muito bem em nos perguntar por que. Não será porque vivemos numa grande incoerência? Com efeito, há uma alegria muito profunda e muito envolvente que provém de um comportamento coerente com as exigências da vocação recebida. Para nós, isto pode ser a maior fonte de alegria, como veremos mais adiante. E não há nenhuma contradição entre felicidade e vida toda doada. Uma mãe, não deixa de ser feliz porque seu filho lhe exige grandes sacrifícios. É feliz sacrificando-se por ele. Uma máquina não pode funcionar muito tempo sem azeitar; uma pessoa não pode viver sem alegria.

Para começar, temos que dizer que a alegria e o gozo não têm muito a ver com a gargalhada vazia, nem com a festa que arrasta ao consumismo e que gera uma euforia passageira. Não se pode confundir com o dinheiro ou com a popularidade como, frequentemente, acontece na vida social. Não vem de fora, brota de dentro porque a alegria mais que causa, é, sobretudo, consequência de algo mais profundo. Evidentemente, os acontecimentos podem ajudar, porém, a alegria não está neles, mas na pessoa. De fato, diante do consumismo a reação das pessoas pode ser muito diferente. A alegria e o gozo brotam da capacidade interior de ver a vida como um imenso presente de Deus. A pessoa feliz é capaz de admirar e de apreciar os mil detalhes que a vida lhe oferece, gratuitamente, como se fosse a primeira vez: o ar fresco da manhã, as flores na primavera, o canto dos pássaros, um pôr do sol, a água fresca, a conversa com os irmãos... Para isso, o lado luminoso da vida não fica escondido por traz das nuvens grossas de nosso mundo que, na verdade, também existem. Sabe relativizar o que é bom e, sobretudo, o que é mau. Se juntarmos a isto o presente da outra vida que, como promessa, já se pode começar a gozar nesta, então, os motivos de alegria tornam-se mais profundos, mais fortes, porque estão conectados com o próprio Deus. O exemplo de São Paulo nos chama fortemente a atenção. No meio de perseguições, espancamentos, cárceres, maus tratos e perigos de morte, São Paulo não tem nenhum temor em declarar-se uma pessoa feliz. Ele mesmo nos explica a razão: *“Se Deus está conosco, quem estará contra nós?... Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem qualquer outra criatura poderá nos afastar do amor de Deus”* (Rom 8, 35-39).

A pessoa alegre e feliz tem uma atitude aberta e construtiva. Tem força para relativizar os fracassos, os desprezos, as dificuldades, porque compreende que fazem parte da própria vida e que, com freqüência, o que se percebe como negativo, na realidade, não é senão um estímulo para avançar. Não se pode ser feliz sem cultivar um ideal, sem projetar a vida além dos limites estreitos do ego.

FUNDAMENTO CRISTÃO DA ALEGRIA

Teremos que buscá-lo na Sagrada Escritura. Não sei se exagero, mas, parece-me que um dos sentimentos mais alheios à alegria é o sentimento de tristeza. A Bíblia começa com o relato da Criação. Tudo vai desfilando diante dos olhos de Deus, e Ele vai

colocando em cada coisa seu selo de autenticidade, com aquela expressão que repete como um estribilho: “e Deus viu que tudo era bom”. Não se percebe nada de falsidade nem de amargura. Tudo é luz, positividade, até que veio o pecado.

Com muita freqüência, os profetas utilizam a imagem das bodas para nos fazer compreender como é a salvação do povo escolhido por Deus (cf. Os 1-3; Ez 16). São Mateus se pergunta: “*Podem os amigos do esposo afligir-se enquanto o esposo está com eles?*” (Mt. 9, 15). Parece que não. Nos Salmos estão refletidos os sentimentos do ser humano, porém, quando aparece uma referência direta a Deus, predominam, então, os sentimentos de confiança, de petição, de alegria e gozo, de admiração por sua presença tão próxima. “*Comigo está o Senhor, nada temo; que mal me poderia ainda fazer um homem? Comigo está o Senhor, meu amparo; verei logo a ruína dos meus inimigos*”. “*Que alegria quando me disseram, vamos à casa do Senhor*”, “*O Senhor é meu pastor, nada me faltará...*”. Quando todos estes sentimentos positivos se personalizam na recitação diária dos Salmos ou na leitura da Sagrada Escritura, então, se constrói sobre a rocha e aparecem necessariamente sentimentos de serenidade, de paz, de segurança e, lógico, de gozo de sentir que Deus é o fundamento de nossa vida. Mas, é preciso dizer que há uma condição, é a recitação viva, ativa, consciente e não rotineira e mecânica destes Salmos. Uma recitação onde aconteça uma verdadeira passagem do Salmo escrito para o Salmo vivido, assimilado. Evidentemente, isto requer um esforço, vontade, preparação, pedido a Deus para que nos encha de sentimentos de confiança n’Ele. O que não se entende é que alguém reze todos os dias com os Salmos e, não obstante, sua vida esteja atravessada pelo medo e a desconfiança.

Jesus de Nazaré se declara o enviado do Pai “*para anunciar a Boa Nova aos pobres... e proclamar a liberdade aos cativos*” (cf. Lc 4, 18). Os Evangelhos constataam que Jesus viveu momentos de alegria profunda: “*Naquela mesma hora, - nos diz Lucas 10, 21 - Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos*”. Qual é a fonte de sua felicidade e de sua alegria? Jesus está bem consciente da relação que o une ao seu Pai. Sabe que pode contar com Ele, que tudo tem sentido quando a fé ilumina sua vida. Por isso, exulta de felicidade de alegria.

Não há apenas sua vida, toda a essência de sua mensagem é plena de vida, de amor e de felicidade de sabermos que somos filhos de um Pai amoroso, terno, acolhedor... Jesus veio para que tenhamos a vida “*vim para que os homens tenham vida e a tenham em abundância*” (cf. Jo 10, 10). Nas Bem-aventuranças, Jesus nos revela qual é o caminho da verdadeira felicidade. As parábolas refletem a alegria de conhecer o mistério de Deus. Por exemplo, podemos citar o tesouro escondido (cf. Mt 13, 44); o pastor que encontra a ovelha perdida (cf. Lc 15, 4-7); o pai que recebe o Filho Pródigo (cf. Lc 15, 11-32); a mudança de vida do publicano Zaqueu (cf. Lc 19). É impossível continuar na tristeza depois de ter escutado Jesus Cristo em seu coração: “*Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa*” (Jo 15, 11).

O encontro com Jesus nos Evangelhos é uma das grandes fontes de alegria e de paz cristãs. Quero lembrar aqui, por exemplo, a cena de Pedro caminhando sobre as águas no lago de Genesaré, ao encontro de Jesus (cf. Mt 14, 24-33). No início, tudo correu bem, mas, quando Pedro sentiu a força do vento, começou a afundar até que o Senhor lhe tomou pela mão. O que aconteceu? Simplesmente isso, enquanto Pedro caminhava sobre as águas, olhando Jesus, tudo ia bem. Mas, quando ele começou olhar para as ondas, as coisas mudaram para ele. É o que nos pode acontecer; se centrarmos a atenção apenas nos problemas, nas dificuldades, nos perigos, facilmente, podemos ser absorvidos pelo remoinho da angústia, do pessimismo e da tristeza. A passagem evangélica nos convida a

olhar Jesus Cristo. Eis aqui a grande fonte de serenidade, de confiança e de alegria. Não se trata de viver ignorando os problemas, as ameaças e as estatísticas, mas, apesar de tudo isso, é preciso confiar no Jesus dos Evangelhos. “*Se o Senhor não constrói a casa em vão trabalham seus construtores*” (Sl 126, 1). Mas, se a constrói, então, os trabalhadores podem respirar um pouco.

O fundamento mais importante da alegria cristã é a Ressurreição do Senhor. A partir dessa notícia (sempre nova) podemos redescobrir o mundo, a esperança pode florescer em situações tão duras, humanamente falando, como a enfermidade ou a morte. É na Ressurreição que encontramos a resposta às primeiras interrogações do ser humano. São Paulo não se cansa de comentá-la ao longo de todas suas cartas, e de tirar conseqüências para a vida (cf. Col. 3, 1-4; I Cor 5, 6-8). No final de seus dias, quando prisioneiro, escreve a todos os cristãos como se quisesse deixar-nos seu testamento mais apreciado: “*Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos!*” (Fl 4, 4). Aqui encontramos a grandeza da fé cristã: poder viver no meio dos fracassos e tempestades com a alma cheia de serenidade e calma, poder ser plenamente feliz, vivendo entre as adversidades. Este é o fruto mais saboroso, sentir Deus como um Pai amado e compreender que a Ressurreição de Jesus Cristo nos pertence.

NECESSITAMOS DE ALEGRIA

Necessitamo-la como o sol que nos ilumina ou como o ar que respiramos. A tristeza permanente torna a vida insuportável, os dias monótonos, e torna a pessoa daltônica para perceber o cromatismo e a beleza da vida que se encerra em cada centímetro quadrado do nosso planeta. A alegria desperta e torna a vista e o olfato mais sensíveis, abre as portas da alma. A tristeza nos mergulha numa espécie de letargia, que preanuncia a morte. Como viver a vocação vicentina com elegância, com profundidade, se falta a alegria? Poder-se-á ser testemunha da Boa Nova do Evangelho com o rosto triste e com o coração fechado? O que fazer para que o serviço dos pobres seja sempre uma fonte de alegria?...

É difícil evangelizar através de palavra ou serviço se no evangelizador não se percebe a alegria de Deus. Como disse Gilbert Cesbron, a alegria é a melhor prova que o cristão pode dar sobre a existência de Deus. Certamente, esta foi a razão pela qual São Vicente insistia com os Missionários e Filhas da Caridade para que, antes de tudo, fossem testemunhas da alegria. “*Se os pobres não vos vêem afáveis, afastam-se e não se atrevem aproximar-se de nós, pensando que somos demasiado severos ou demasiado grandes senhores para eles. Mas, quando os tratamos com afabilidade e cordialidade, concebem outros sentimentos de nós e ficam mais dispostos para aproveitar do bem que lhes queremos fazer*”⁵. Às Filhas da Caridade lhes recomenda que “*empreendam o serviço dos pobres com alegria, entusiasmo, constância e amor*”⁶ (IX, 534). Já mencionamos a insistência de São Vicente a Santa Luísa para que vivesse alegre, apesar de seu caráter, de seus muitos trabalhos e dos problemas que devia enfrentar. Dir-se-ia que esta foi uma das consignas mais importantes de sua direção espiritual com ela.

Se, hoje, São Vicente nos escrevesse de novo, é quase certo que, insistiria na amabilidade, na afabilidade, no tratar bem os pobres e na alegria como fonte de tudo isso. Inclusive esta última nos poderia propor como uma nova virtude específica. É que hoje em dia os pobres, aliás, todo mundo, são muito sensíveis à maneira como nós os servimos. Para construir um relacionamento humano é preciso muito tempo para destruí-lo basta um minuto. Se os pobres não percebem nas Filhas da Caridade a alegria e a satisfação de ter doado sua vida ao Senhor, os pobres se sentirão servidos, mas não evangelizados. “*Na alegria, dão testemunho de Jesus Cristo*”, diz a Constituição 9. É difícil descobrir outra maneira de testemunhar Jesus Cristo, que não seja através da alegria generosa e gratuita.

Precisamos de Comunidades alegres, capazes de ser parábola do Reino no meio deste nosso mundo, constantemente preocupado com o *ter* e o *aparentar*, marcado por todo tipo de violências e medos. Sempre haverá pessoas que se deixam interpelar por esta linguagem que, de uma forma simples, conduz ao Evangelho. Nas Constituições podemos encontrar umas quantas indicações sobre a alegria comunitária. Por exemplo, C. 29, 33, 59 e E. 19. Impossível fazer uma pastoral vocacional se as Comunidades não vivem a felicidade da doação aos pobres. Hoje, as jovens precisam comprovar que o carisma vicentino produz pessoas que se sentem realizadas, é o que lemos no artigo 59 das Constituições.

Sempre me chamou a atenção os esforços de São Vicente para dominar seu caráter, conforme vimos no começo deste tema. Santa Luísa também fez seus progressos em tudo o que se refere a viver com serenidade, com paz interior e com alegria. Estes dois gestos dos nossos Fundadores nos podem falar hoje, a cada um de nós, sobre a importância do viver com alegria a vocação do serviço dos pobres. Se São Vicente e Santa Luísa progrediram nisto, por que não nós? Algumas vezes ouvi falar da “*ascese do entusiasmo*”, compreendendo por ela que é possível adquirir o hábito da alegria, e que é preciso empenhar-se nela, se a consideramos importante. A oração, a vida espiritual, a fé em Deus vivo que nos presenteou uma maravilhosa vocação, o serviço dos pobres realizado de uma forma consciente, conduzem necessariamente a uma vida cheia de sentido. E quanto mais profunda for a oração, a fé em Deus e a consciência de uma vida doada a servir aos pobres, mais alegria poderemos experimentar, porque com maior clareza percebe-se a grandeza da vida. A todos esses caminhos de acesso à alegria e à felicidade, podemos acrescentar a reflexão oferecida no segundo ponto, quando tratamos sobre o fundamento cristão da alegria.

Agora, digamos algo sobre outras coisas que podem também ajudar-nos a viver com alegria. Afinal de contas, Deus criou todas as realidades para o uso e bem-estar do Ser humano. Sempre me pareceu inteligente aprender a arte de desfrutar das coisas simples da vida para encher-nos de luz. Por exemplo, uma paisagem, um passeio, o ar da manhã, o sol da tarde, o perfume de uma rosa, o sabor de uma refeição simples, uma conversa descontraída, a sensação de estar vivo, o som de uma canção, a maravilha dos meios de comunicação, a maravilha de ouvir, ver e compreender, de saborear, sentir, respirar, etc. Como são coisas que fazemos todos os dias, existe o risco de fazê-las de uma maneira rotineira, automática. O fato de fixar nossa atenção nas coisas simples, de cada dia, pode ajudar-nos a perceber a beleza e a harmonia contidas em suas diferentes cores.

Agora, penso nas Irmãs idosas, doentes e impossibilitadas. Lógico, elas também podem e devem viver felizes e alegres. Nada as impede de percorrer os grandes caminhos que conduzem à felicidade, os da confiança em Deus, da oração profunda e da consciência de que estão cumprindo a vontade de Deus. Os sofrimentos e as carências podem converter-se em oração, encontro com Deus. Tudo depende da atitude que se tenha diante deles. Assumir serenamente suas deficiências e não fechar-se nos próprios sofrimentos de maneira masoquista, será a melhor maneira de imitar Jesus Cristo na Cruz e, portanto, dar sentido à própria existência. Deus encarregar-se-á de transformar os sofrimentos em amor. Sabemos que somente o amor resgata e salva o mundo. Portanto, na cadeira de rodas, ou caminhando com dificuldade com muletas, se pode fazer alguma coisa pela humanidade, se pode fazer muito pelos outros, pelos pobres. Eis aqui um caminho para unir a alegria e o sofrimento, duas realidades aparentemente opostas, porém, que podem viver unidas. São Vicente o expressou desta maneira à Irmã Ana Hardemont: “*Sim, Irmã, nossa felicidade está na cruz e Nosso Senhor só quis entrar na glória através da amargura. Ele a conduz pelo caminho dos santos; não se admire de tudo o que passa; tenha paciência, deixe Deus agir. Diga-lhe que se cumpra sua vontade e não a sua*”⁷. Tenho certeza de que se pode ser feliz numa situação de prostração, de doença, de velhice. Temos a prova disso na pessoa de tantas Filhas da Caridade que foram capazes de unir a alegria ao sofrimento.

Lembro-me, por exemplo, da Irmã Josefa, durante muitos anos, prostrada numa cama e a quem jamais se apagou de seu rosto o sorriso. Alegrar-se com as pequenas coisas, um sorriso, uma palavra amável, uma oração, uma visita, uma canção, um momento de serenidade..., sempre será importante para poder dizer ao Senhor, obrigada pela vida e por tudo o que nos oferece cada dia.

PARA A ORAÇÃO, A REFLEXÃO PESSOAL E A PARTILHA EM COMUNIDADE

* Salmo 22: *“O Senhor é meu pastor, nada me faltará...”* Procurar apropriar-se dos sentimentos de confiança e de paz que expressa o Salmo.

* Aprofundar tua própria experiência: O que te dá alegria e o que te leva à tristeza? Como tornar realidade a orientação de São Paulo, *“Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos?”*

* *“É preciso que vos entregueis a Deus para praticar esta virtude (cordialidade) e para demonstrar cordialidade a todas as pessoas, especialmente a vossas Irmãs e aos Pobres. Há pessoas que têm o bom costume de não tratar nunca a ninguém senão com um rosto alegre e sorridente e que sempre demonstram, com algumas palavras de cordialidade, a alegria que sentem ao vê-las novamente. Pois bem, minhas filhas, eu gostaria que vos entregásseis a Deus para viver esta prática; é o que vos assinala a regra e o que Deus vos pede”* (Conferência de São Vicente às Filhas da Caridade, 2 de junho de 1658, Coste X, p. 487). Que pensas desta citação de São Vicente sobre a importância da alegria e da cordialidade, o que ela sugere?

Padre Javier ALVAREZ
Diretor Geral.

Notas:

1. L. ABELLY, A vida do venerável servidor de Deus, Vicente de Paulo. I, I, cap. 179, Paris, 1664.
2. Regras Comuns da Congregação da Missão, VIII, nº 7.
3. I, 364; carta de São Vicente a Santa Luísa.
4. X, 578; São Vicente, Confraria da Caridade; Châtillon-les-Dombes, novembro e dezembro de 1617.
5. XI, 756-757; Extrato de uma conferência aos missionários sobre a afabilidade.
6. IX, 534; Conferência de São Vicente às Filhas da Caridade, no dia 9 de fevereiro de 1653.
7. VII, 202; Carta de São Vicente à Irmã Ana Hardemont, 10 de agosto de 1658.

MUITO OBRIGADO

Muito obrigado por todas as felicitações recebidas por ocasião da festa de meu Santo Patrono, do Natal e Ano novo. Agradeço muito por todas estas manifestações de atenção, de delicadeza. Porém, na impossibilidade de respondê-las pessoalmente, faço-o de uma maneira geral, através desta nota publicada nos “Ecos”. Algumas de vocês me pediram orações para casos precisos. Tenham a certeza de que apresentei todos os seus pedidos ao Senhor. Agradeço-lhes também pelas orações que fazem em minhas intenções diante do Senhor. Estou certo de que este

intercâmbio espiritual é um benefício para todos nós, e tenho certeza que agrada também a Deus.

Eu sempre admiro todos os bons sentimentos, religiosos e humanos que se expressam através dos cartões de Natal, embora muitos passem por frases estereotípicas! Deus, fazendo-se homem, inaugurou toda uma corrente de sentimentos positivos que inunda o ambiente, embora tenhamos que reconhecer que são bem misturados com um consumo exagerado, que ofende o pobre em sua dignidade porque reforça a injustiça da desigualdade.

Que Deus as abençoe nesta estação de ternura que é o Natal. Que Ele nos conceda a graça de compreender a beleza e a grandeza de nossa vocação. Meu desejo é que sejam muito felizes durante este ano de 2009 servindo o Senhor na pessoa dos pobres como São Vicente nos ensinou!

P. Javier Álvarez,
Diretor geral

DOM JEAN-MICHEL DI FALCO

Homilia da Eucaristia de 27 de novembro de 2008 Na Capela “Nossa Senhora da Medalha milagrosa”

“Não é justo! Nunca é justo! Realmente é muito injusto!” Assim se expressa Calimero, este famoso personagem de ficção de desenho animado dos anos 70, pobre pintinho preto e infeliz, perdido no meio de uma ninhada de pintinhos amarelos.

“Realmente é muito injusto”. É o que pode passar em nossa mente quando vemos todos os talentos, todas as dons, toda beleza, toda inteligência da qual podem estar dotados nossos vizinhos e da qual nós somos desprovidos.

“Realmente é muito injusto”. É o que pode acontecer conosco de gritar a Deus num primeiro movimento de revolta, quando um licenciamento, uma doença, uma deficiência, o sofrimento, a morte nos atinge.

“Realmente é muito injusto”. É o que poderíamos gritar a Deus sobre Maria. Porque finalmente, eis uma mulher, nossa irmã em humanidade, que Deus preservou do pecado original enquanto que nada disto foi para nós outros. Eis que Maria é conduzida, toda ornada, para o rei, enquanto que nós, só beneficiamos de um lugar no cortejo... e ainda, talvez sejamos apenas os operários à porta do palácio.

“Realmente é muito injusto...”

Se Deus privilegia a este ponto alguns de seus filhos mais que outros, não devíamos ficar chateados com Ele?

Como entrar neste mistério da livre escolha de Deus? Como compreender que Ele, de fato, não comete nenhuma injustiça na livre distribuição de suas graças?

A única porta de entrada é a do amor. Pois, na realidade, trata-se de um mistério de amor. Só aqueles que amam percebem a profundidade deste mistério de eleição. Só os santos não vêem injustiça alguma nas escolhas de Deus e em seus modos de fazer. Porque

ao invés de julgar Deus constantemente, eles colocam-se à sua escuta, e por trás das aparentes injustiças, buscam a manifestação do amor de Deus.

Teresa de Lisieux, por exemplo. Eis o que ela diz:

“Durante muito tempo perguntei a mim própria porque tinha Deus preferências, porque não recebiam todas as almas um grau igual de graças [...]. Jesus dignou-se instruir-me acerca deste mistério. Pôs-me diante dos olhos o livro da natureza, e compreendi que todas as flores que Ele criou são belas, que o esplendor da rosa e a alvura do lírio não tiram o perfume à violeta nem a simplicidade encantadora à margarida.... Compreendi que, se todas as florzinhas quisessem ser rosas, a natureza perderia o seu adorno primaveril e os campos não ficariam esmaltados de florzinhas... Assim acontece no mundo das almas, que é o jardim do Senhor. Ele houve por bem criar grandes Santos que podem comparar-se aos lírios e às rosas; mas criou também pequenas flores que devem contentar-se com serem margaridas ou violetas, destinadas também a alegrar os olhos do Senhor. A perfeição consiste exactamente em fazer a Sua vontade, em ser o que Ele quer que sejamos...”

Concordemos. De fato, eis aqui já um grande passo. Somos todos diferentes e é necessário alegrar-nos com isso! Somos convidados constantemente a não nos comparar, mas a nos alegrar pelo que somos aos olhos de Deus e uns para com os outros. *“Tu és a alegria, tu és a honra de nosso povo, Virgem Maria”*, cantaríamos nós. A perfeição consiste em simplesmente ser o que Deus quer que nós sejamos. *“Fazei tudo o que ele vos disser”*, nos diz Maria, façamos, portanto, simplesmente o que Ele nos diz.

“Sim, certo, mas o que realmente é muito injusto, diz nosso Calimero, novamente, que não se deixa convencer tão facilmente, é que, para alguns santos, tudo era fácil, enquanto que para mim?... Veja Teresa, para ela, não foi difícil deixar de ser uma grande pecadora. Aliás, ela mesma reconhece, dizendo: “Não tenho, portanto, nenhum mérito em me não ter entregue ao amor das criaturas, uma vez que só fui preservada pela grande misericórdia do Bom Deus!”?”

O que responder a este Calimero? Talvez o importante não é ter sido um pequeno pecador ou um grande pecador, ou sem pecado como Maria, mas de reconhecer antes de tudo sua miséria por natureza. Não é necessário ter pecado muito para reconhecê-la. Teresa tinha profunda consciência disto. E quando seu confessor lhe dirá: *“deis graças a Deus pelo que Ele faz por vós, pois se Ele vos abandonasse, em vez de serdes um anjinho, serieis um diabinho”*, ela responderá: *“Ah! não tinha dificuldade em acreditar, sentia o quanto era fraca e imperfeita”*.

Abramos nossos olhos e nosso coração. Fracos e imperfeitos, somos todos nós. E capazes do pior também! Sim, do pior. Não há certos momentos onde teríamos sido capazes das exagerações do pior, onde sentimos que teríamos, talvez, oscilado se as circunstâncias nos tivessem levado a isto? O Padre Bro, um dominicano, conta o choque que produziu uma frase de seu mestre de noviços. Foi em 1945, no momento em que se descobriu na Europa toda a monstruosidade dos campos de concentração e de extermínio. *“Meus irmãos, declarou seu Padre-mestre, se vocês não sabem que são capazes de fazer tanto quanto estes carrascos, não entenderam nada”*.

A graça de Deus não é um conceito evasivo. Percebemos algo quando reconhecemos nossa fragilidade e fraquezas, quando reconhecemos que, sem a graça misericordiosa de Deus, poderíamos nos tornar monstros de desumanidade. É necessário reconhecermos que, sem Deus, poderíamos ter caído por terra e, também, reconhecer quem quer que sejamos, Deus nos redimiou em seu Filho Jesus Cristo, não alguns, não muitos, não enormemente, mas *tudo!* Ele nos deu tudo! E é pelos méritos da cruz de seu Filho que Maria foi preservada do pecado original, não por seus próprios méritos. Se há

uma igualdade entre nós todos, está no fato de que devemos tudo a Jesus. E Maria, em sua graça atenta sabe disso. E Maria Madalena, em sua graça do arrependimento, também.

Quando nós entramos nesta Capela, quando rezamos a Imaculada dizendo-lhe “*Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*”, nenhum sentimento de qualquer injustiça cometida a nosso respeito habita nosso coração, nenhum grito de revolta vem aos nossos lábios. Pelo contrário, estamos em paz com Deus, conosco mesmos. E entramos novamente na multidão parisiense em paz com nossos irmãos. Sentimo-nos gratos e cheios de reconhecimento. Por que isto? Porque viemos aqui como nós somos, sem nossas máscaras, sem falsas aparências, com toda verdade de nosso ser. Porque sabemos muito bem que, a Virgem Imaculada trazendo em seu seio Deus encarnado é, também, a Virgem das dores ao pé da Cruz. Porque nós sabemos que toda graça confiada vem acompanhada de uma resposta a dar, e que Maria disse bem seu “fiat”. Porque nós sabemos que toda graça recebida de Deus se transforma por nosso consentimento em graça para os outros, e que Maria nada guarda para ela e nos redistribui tudo. Não está aí o sentido dos raios que irradiam de suas mãos abertas para o mundo?

Eis o que aliás nos diz Catarina Labouré sobre este assunto em sua visão de 27 de novembro de 1830 cujo aniversário celebramos hoje: “*Neste momento em que eu estava a contemplá-la, a Santíssima Virgem abaixou os olhos olhando para mim. Uma voz se fez ouvir dizendo-me estas palavras: “Este globo que vedes, representa o mundo inteiro, especialmente a França... e cada pessoa em particular”.* Aqui não sei exprimir o que senti, nem como eram belos, deslumbrantes, os raios que via!... A voz me disse ainda: “*Estes raios são o símbolo das graças que derramo sobre as pessoas que mas pedem...*” *fazendo-me compreender o quanto é agradável rezar à Santíssima Virgem e o quanto ela é generosa com as pessoas que a recorrem. Que ela concede muitas graças às pessoas que lhas pedem, que alegria ela sente as concedendo... Nesse momento, não sei onde estava... Formou-se um quadro oval, em torno da Santíssima Virgem, onde estavam escritas com letras de ouro, estas palavras: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”, escrito em letras de ouro.* E uma voz me disse: “*Fazei cunhar uma medalha conforme este modelo. Todas as pessoas que a trouxerem ao pescoço receberão grandes graças; as graças serão abundantes para os que a trouxerem com confiança*”.

Peçamos e receberemos. Deus não é como alguns pais, à exigência sem amor, ao amor sem exigência. Ele é indulgência e exigência ao mesmo tempo. Ele sabe onde está nosso bem. Ele sabe usar tudo. Ele sabe o que dar a um e o que recusar ao outro para que crescamos no amor e em santidade. Ele dispensa suas graças largamente através de Maria, não como as compreendemos sempre, mas como estas são mais favoráveis.

Quem quer que sejamos, de onde venhamos, tudo o que tenhamos feito, dito ou pensado, qualquer mal que constatemos em nós, qualquer que seja a provação que atravessamos, não tenhamos medo de nos aproximar de Maria que quer nos mostrar como somos amados. Sejamos estas criancinhas, que se carrega nos braços.

Não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir; não há pior cego do que aquele que não quer ver. Peçamos a graça de recuperar o terrível poder que a nossa liberdade possui para escurecer nosso espírito. Enfim, vejamos que tudo é graça, que tudo pode ser vivido ou ser interpretado como uma graça, que nada é “muito injusto” sob o sol de Deus.

Dom Jean-Michel di FALCO LEANDRI
Bispo de Gap et d’Embrun

DESAFIOS ATUAIS

Província de Chelmnó

Missão no Cazaquistão “A pastoral da presença”

UM POUCO DA HISTÓRIA

Cazaquistão, região de vastas estepes, foi desde os tempos mais antigos, habitado por populações nômades. No início da época moderna, foi povoado por nômades turcofones, os cazaques, caçadores e criadores cujas tradições sociais são baseadas numa estrutura própria de clã que perdura até hoje.

Proclamado República Soviética no final da Revolução em outubro de 1917, o Cazaquistão foi incorporado à União Soviética por ocasião de sua criação. O Cazaquistão é um destino para numerosas deportações e em particular, durante e logo após a Segunda Guerra Mundial.

Em 1990, o Cazaquistão proclama sua independência. Desde então, houve um renascimento relativo das religiões. Um número importante de mesquitas, mas também, de igrejas foram construídas. As religiões tendem a preencher o vazio deixado pelo desaparecimento do dogma comunista.

Em 1997, a capital do Cazaquistão foi transferida para Akmola, renomeada por Astana. Com uma população de apenas 15 milhões de habitantes, o Cazaquistão tem uma das densidades populacionais mais fracas do mundo.

ORGANIZAÇÃO DE NOSSO SERVIÇO

O Cazaquistão, país banhado pelo sangue dos mártires que viveram as repressões políticas, constitui um mosaico de nacionalidades (130 aproximadamente) e de confissões religiosas: 47% de muçulmanos (islão sunita), 44% de ortodoxos e 1,8% de católicos.

No ano 2000, a pedido do Bispo de Astana, Dom Tomasz Peta, três Filhas da Caridade começaram um serviço dos Pobres neste país. Hoje, três Comunidades estão implantadas na diocese de Astana: uma em Szortandy (em 2000), a outra em Nowokubanka (em 2003), a terceira em Astana (em 2007).

Assim, somos 9 Irmãs que servem os pobres procurando de preferência os mais necessitados. Cercamo-los de nosso cuidado, não só as pessoas destas cidades mas, tentamos ir mais além, nas aldeias distantes num raio de 150Km. Algumas destas aldeias eram campos de trabalho. O acesso às mesmas só é possível no final da primavera, no verão e no princípio do outono porque os caminhos da estepe são intransitáveis, a lama ou a neve dificultam os deslocamentos e nos impedem de visitar os habitantes. Apesar destes obstáculos, as pessoas sempre nos solicitam e perguntam: *“quando vocês vêm em casa?”* Estas solicitações são condicionadas pelas necessidades espirituais (a preparação aos Sacramentos) e as necessidades materiais (a ajuda alimentar e humanitária).

As pessoas são benevolentes para conosco. Apesar de tantos anos de perseguição, as pessoas buscam Deus com um coração sincero ou se voltam para Ele depois de muitos anos. Todos buscam em Deus a paz de seu coração deprimido pelo trabalho duro, frequentemente não remunerado, as condições de vida muito difíceis, as doenças, o

alcoolismo de um ou de vários membros da família, o sentimento da vida sem sentido, a falta de perspectivas para o futuro...). Muitos jovens tentam acabar com a própria vida, outros são vítimas de conflitos que terminam em morte.

Podemos multiplicar estes exemplos. Como Filhas da Caridade, tentamos levar a esperança às pessoas. Não podemos ajudar a todos, mas podemos rezar por todos.

Em 2007, começamos nosso serviço na periferia da cidade de Astana, no bairro mais pobre. Lá, foi aberta em 1979, a primeira paróquia católica. Neste bairro, encontramos muitas misérias e falta de esperança, não há ruas, nem água corrente, nem canalização e, além disso, sempre existiu os problemas do alcoolismo e da subnutrição aos quais se acrescentam os das crianças de rua. Nesta parte da cidade, as casas são construídas com materiais heteróclitos: palha, vigas de madeira da antiga ferrovia, blocos de argila... Quase sempre, as casas têm dois compartimentos: a cozinha e o quarto; são rodeadas com cercas altas que protegem os habitantes dos olhares indiscretos e dá uma impressão de privacidade. Muitos habitantes estão desempregados, sujeitos ao alcoolismo depois de gerações, impotentes face ao atual regime político. Educados num sistema comunista depois de muitos anos, as pessoas não estão preparadas para enfrentar os desafios de nosso tempo e são, frequentemente, exploradas como mão-de-obra barata.

No outono de 2007, nós nos instalamos neste bairro pobre, mas as pessoas não nos aceitavam, eram inacessíveis e maldosas. Nossos vizinhos eram, a maioria, muçulmanos (Tártaros, Ingoucheses, Cazaques, e Tziganos), havia também cristãos ortodoxos, mas poucos cristãos e praticantes. Andando pelas ruas barrentas, encontramos muitas crianças sujas e maltrapilhas que precisavam de afeição. Pouco a pouco, graças a elas, nós pudemos entrar em contato com suas famílias.

ALGUNS TESTEMUNHOS DESTE SERVIÇO

Atualmente, reunimos regularmente estas crianças de nacionalidades e confissões religiosas diferentes. Apesar de suas diferenças, as crianças vivem bem juntas no dia-a-dia. Visitando-as regularmente, brincamos com elas, cantamos juntos, mas também as orientamos sobre as regras de higiene e as ensinamos a rezar. Diariamente, fazemos com elas, atividades manuais e descobrimos o quanto elas precisam ser reconhecidas e estimadas. Nossa presença quotidiana ao lado delas faz nascer a confiança e, progressivamente, elas ousam falar-nos de suas preocupações.

Enquanto Igor partilha a grande dor de seu coração: o assassinato de seu pai, Ira fala com preocupação de seu irmão de 19 anos, atualmente na prisão: foi ele quem assassinou o pai de Igor.

Um dia, tarde da noite, algumas mães vieram pedir ajuda: Tânia, 13 anos, acabava de ser estuprada em sua casa diante de seus pais bêbados; elas nos dizem: “ajude-nos, aconselhem-nos”.

Graças às crianças, conseguimos visitar várias famílias que viviam numa situação muito difícil.

Um dia, **Lalita** veio correndo para nos falar: “minha avó queimou o pé, ela sofre muito, talvez tenham algo para aliviar sua dor?”. Lalita tendo sido bem socorrida, a notícia de sua recuperação se propagou rapidamente.

A partir daí, os adultos nos indicam outras pessoas que estão em necessidade. Assim, fomos na casa de Aleksander, avô de Eryk que participou de nossas reuniões. Depois de vários dias, ele tinha queimado a mão e a ferida infeccionou. Aconselhamos-lhe que fosse ao hospital, mas ele negou-se. Insistimos várias vezes, foi inútil. Seu estado piorou. Finalmente, a família aceitou, mas foi tarde demais. Precisou amputar a mão.

Visitamos Aleksander no hospital e, depois de sua alta médica, queríamos continuar lhe visitando em casa. Mas, sua filha Lena, alcoólatra, bem como seu marido nos fecharam a porta, culpando-nos pela infelicidade de seu pai. Confiamos nossa dor a Maria Imaculada, pedindo-lhe sua intercessão. Pouco tempo depois, reencontramos Lena gravemente doente no hospital. Vendo-nos, ela chorou, em seguida, sorriu dizendo: “*Enfim, rostos conhecidos*”. Depois de uma conversa, ela nos diz: “*Foi bom vocês terem vindo, estou me sentindo muito melhor*”. Graças a um tratamento intensivo, Lena teve alta do hospital. Mas, seu marido não veio buscá-la. Nós a levamos em sua pobre casa. Seu marido, bêbado, gritou: “*Por que vocês a trouxeram? Eu não posso cuidar dela, não tenho força, já tem o vovô!*”. Lena ficou. No dia seguinte, voltamos para visitar nossos doentes e, desta vez, seu marido nos acolheu. Agradecemos a Deus porque, pouco a pouco, estas pessoas se tornaram amigas.

Da mesma maneira, pudemos acompanhar outras pessoas que, agora, nos abrem seus corações e suas casas. Escutamos sempre: “*Venham também em casa*”.

A história de **Natasza**, 32 anos, é muito comovente. Ela mora na parte mais pobre do bairro onde, atualmente, não há água nem canalização. É preciso buscar água no poço. Nasceu neste país onde a palavra de Deus era proibida, não obstante, seus pais mandaram batizá-la na Igreja ortodoxa, mas ninguém lhe tinha ensinado a rezar. Com 17 anos, ela fica grávida. Seu namorado, 20 anos, a abandona. Então, morando com sua mãe, Natasza dá à luz a uma menina. A mãe de Natasza, tendo feito um tratamento de desintoxicação e podendo cuidar da criança, Natasza começa a trabalhar num escritório. Depois de três anos, não podendo se adaptar ao trabalho no computador, Natasza perde seu emprego e fica desempregada durante 1 ano e meio. Sua mãe volta a beber e elas se encontram sem recursos. Depois de algum tempo, Natasza encontra um trabalho: inspetora de ônibus, mas infelizmente, ela também, começa a beber... A filha pequena cresce num ambiente familiar muito difícil. Os invernos no Cazaquistão são muito fortes (-40°, -50°). Muitas pessoas morrem de frio e outras ficam deficientes, pois, a amputação é o único método em caso de frieira. A maioria das vítimas dos invernos frios é as pessoas que abusam do álcool. Quando Natasza completou 29 anos, ela acolheu em sua casa uma de suas amigas gravemente doente que morreu pouco tempo depois. Por sua vez, Natasza cai doente e se encontra no hospital. Depois de algumas semanas de hospitalização, foi enviada para casa sem esperança de recuperação. Ela ficou paralisada do lado direito, não pode mais falar, amputou os dedos das mãos e do pé esquerdo (por causa das frieiras). Ela fica completamente deprimida. Naquele momento, sua filha com 11 anos, participava de nossas reuniões. Um dia, ela diz à sua mãe: “Eu vou à Igreja rezar por ti”. Neste mesmo dia, fomos visitar Natasza e, a partir daí, a visitamos todos os dias. Pouco a pouco, nós a encorajamos em sua reabilitação e começamos a rezar juntas. Um dia, ela conseguiu sentar-se numa cadeira, em seguida, a dar alguns passos, mas ainda não podia falar. Nós a levamos ao hospital para os exames médicos e fazer um tratamento. Em seguida, conseguimos uma pensão de invalidez para ela. Um dia, a seu pedido, nós a levamos à Igreja onde, pela primeira vez, ela participou da missa. Foi em 2006. Na hora do Pai-Nosso, a escutamos balbuciar algumas palavras desta oração, depois, ela começou a recuperar a fala. Agora, cada Eucaristia do domingo lhe traz paz ao coração. Um dia, ela expressa seu desejo de receber Jesus. Depois de tê-la preparado para sua Primeira Comunhão realizada no dia 1º de maio de 2008, sua filha e sua mãe também participaram da missa. Natasza diz: “Estou cheia de alegria”. Seu olhar sobre o mundo muda e as relações com ela se tornam mais fáceis. A paciência e a compreensão crescem entre Natasza e sua mãe. Dali em diante, elas rezam juntas o rosário e agradecem ao Senhor por tantos dons recebidos. Natasza toma a decisão de ler e meditar o Evangelho diariamente.

E agora, eis a história de **Wiera**.

Alcoólatra desde os 20 anos, Wiera mora na rua, ela perdeu tudo: sua casa e seus filhos foram colocados num orfanato. Ela tem as mãos e os pés cobertos de frieiras, é apenas a sombra de si mesma. Um dia, ela veio nos visitar. Nós cuidamos dela, demos banho, mudamos suas roupas tendo cuidado com suas mãos e seus pés inchados. Nós lhe demos de comer, depois, levamos para o hospital para uma intervenção cirúrgica muito necessária. Amputaram-lhe dois dedos dos pés. Nossa presença facilitou o contato entre o pessoal médico e Wiera. Depois de uma semana, ela pode deixar o hospital, mas ela se encontra na rua. Ora, o inverno é forte. Ela aceita vir para nossa casa e nós lhe propomos fazer alguns pequenos trabalhos. Desde então, ela nos ajuda em nosso jardim e se sente útil e amada. Sua vida muda progressivamente: ela não bebe mais, reencontra o caminho da fé, restabelece uma relação com sua filha. Atualmente, estamos fazendo, com ela, os procedimentos administrativos para que ela reencontre sua família e sua autonomia.

Depois de alguns meses, um menino de 6 anos, **Saszka**, abandonado nas ruas do bairro, vem sempre nos pedir algo para comer, roupas e brinquedos. Sua mãe bebe muito e o despreza. Às vezes, nós o acolhemos durante a noite. Outras vezes, passantes o vêem dormindo no meio dos arbustos. Depois de algum tempo, pedimos uma ajuda às autoridades para Saszka.

Nossa missão é, frequentemente, acompanhar as pessoas em grande dificuldade.

É o caso de **Nina**, 14 anos. Sofrendo com o problema de alcoolismo de sua família, tentou tirar a própria vida tomando uma overdose de medicamentos. Quando a ambulância chegou, Nina estava em coma. O Padre Stanislaw a batizou porque a situação era crítica. Diariamente, sua mãe muito preocupada ia visitar Nina no hospital, rezando como podia e prometendo deixar de beber. Depois de 10 dias em coma, Nina acordou. Atualmente, a mãe não bebe mais e cuida de sua filha. Mas esta mãe e sua família precisam de um acompanhamento forte e diário. Nina precisa de alimentação e de condições favoráveis para retomar as forças. Mas, a situação desta família se tornou difícil pela vizinhança que, também, é alcoólatra.

CONCLUSÃO

No começo de nossa missão, as famílias católicas e ortodoxas vieram, progressivamente, buscar auxílio em nossa casa. Por outro lado, as famílias Cazaques, a maioria muçulmanas, desejam resolver seus problemas por elas mesmas. No entanto, permanecemos atentas às necessidades das famílias, qualquer que seja sua crença religiosa e respeitamos suas decisões. Depois, as autoridades do país encaminharam um pedido à Igreja católica de Szortandy para cuidar das pessoas deficientes e acompanhá-las em seu cotidiano. O mesmo pedido foi feito aos ortodoxos, aos muçulmanos e às pessoas de boa vontade. Para nós, este pedido é uma oportunidade que nos facilita o acesso junto aos pobres e aos numerosos deficientes de nossa região.

As autoridades, também, criaram uma “Associação de assistência aos deficientes”. Precisamos de muita humildade em nossa maneira de aprender a colaborar com os leigos para o bem dos deficientes.

Até agora, nossos diálogos se fizeram em russo, mas este pedido das autoridades do país exige de nossa parte, aprender a língua Cazaque a fim de entrar em comunicação com as famílias cazaques e mongólicas. No Centro de estudos da língua nacional, fomos acolhidas com delicadeza, o que nos dá a ocasião de testemunhar nossa fé. Queremos ser “profetas de esperança” no meio do povo Cazaquistão. Acreditamos que o Senhor nos

precede no coração e na vida das pessoas para as quais Ele nos envia. “Que o Senhor seja santificado e louvado por este dom de estar presente entre os pobres”.

As Irmãs em missão no Cazaquistão

DESAFIOS ATUAIS

Província de Cracóvia

Missão em Balta, Ucrânia

UM POUCO DE HISTÓRIA

A Ucrânia é um país da Europa, situada ao leste da Polónia.

As duas grandes religiões do país são a ortodoxia e o catolicismo da Igreja oriental. Os muçulmanos ucranianos representam aproximadamente 5% da população. A ortodoxia é a religião mais praticada (77%).

Balta é uma cidadezinha da região de Odessa, no sudoeste da Ucrânia. Encontra-se a 183 km ao noroeste de Odessa.

A MISSÃO DE BALTA

Histórico

Em 27 de outubro de 2007, a pedido de Dom Bronislaw Biernacki, Bispo da diocese de Odessa (Simferopolsk), começamos nosso serviço como Filhas da Caridade em Balta e seus arredores, na Ucrânia. A população de Balta é de mais ou menos 20.000 habitantes. Aí encontramos duas Igrejas: uma ortodoxa e outra católica, bem como 16 “casas de oração”, as quais, a maior parte, pertence à seitas.

A parte leste da Ucrânia é marcada por uma grande pobreza material e espiritual, conseqüências do comunismo passado. Descobrimos diversas formas de pobreza, procuramos responder e servir todos os pobres, sem olhar sua situação e sua confissão religiosa.

O problema mais urgente é o das crianças oriundas de famílias em dificuldades (alcoolismo, divórcio...). Abandonadas nas ruas são, com freqüência, privadas do necessário para viver e ficam expostas aos perigos como: o álcool, a droga, o cigarro, o roubo... Felizmente, estas crianças entram facilmente em relação conosco. Contam-nos os “segredos” de suas vidas. Procuramos não decepcioná-las quando estas depositam em nós sua confiança, dando-lhes segurança e afeição. Não esquecemos suas necessidades de alimentos: é preciso que tenhamos sempre alguma coisa quente pronta para ser consumida. Artiom gosta de dizer: “*Tilki u Sester mozna napytysja horjaczoho czaju!*”, isto é, “*só na casa das Irmãs podemos beber um chá quente*”.

Eis a história de dois meninos.

Wadim, 11 anos e Stasik, 12 anos, apresentam problemas particulares: são dependentes da droga. Um dia, eles tiveram a coragem de nos mostrar o lugar onde se escondem para se drogar. Quando nos levaram para ver o lugar, ficamos transtornadas! Era um “nicho” situado nas ruínas dos prédios de um antigo Kolkhoze, onde viviam há umas três semanas. Stasik nos explicou que antes, eles se encontravam nos vãos das escadas ou nos esgotos. Juntavam ferros velhos e vendiam a fim de ganhar um pouco de dinheiro para comprar droga e se alimentarem.

Stasik não pode contar com sua família: sua mãe o abandonou, seu pai, drogado há muito tempo vive na rua. Um processo está sendo preparado para retirar os direitos da mãe.

Wadim tem seus pais, mas não se sente aceito por seu pai, por isso, foge de casa.

Depois de termos conquistado a confiança deles, começamos a responder suas necessidades: banho, matar os seus piolhos, roupas, conversas, atividades. Quando Stasik ou Wadim vêm à nossa casa, nós os acolhemos sem levar em conta nossos projetos, nem horários.

Um dia, Wadim nos levou em segredo à casa de sua mãe, deixando-nos lá para conhecê-la e conversar com ela. E ele, ele eclipsou-se para não correr o risco de ser visto. Mais tarde, voltou à nossa casa para saber o resultado da conversa que tivemos com sua mãe, bem como sua reação. Três dias depois desta conversa, Wadim aceita voltar para sua casa e, no dia seguinte, voltou à escola. Quanto a Stasik, ele ficou alojado, por um certo tempo, no presbitério; os Padres o ajudaram a retomar o caminho da escola.

Desde o começo, quando conhecemos Wadim e Stasik, procuramos entrar em contato com uma Organização que trabalha com menores provenientes de famílias em dificuldades. Mas, na realidade, no caso destes dois meninos, eles nada podem fazer. Mesmo se manifestam a vontade de sair de seus maus hábitos para reencontrar uma vida normal, eles não conseguem abandonar a droga.

Foi o que aconteceu com Stasik. Apesar de seus esforços, ele voltou a drogar-se e, em setembro de 2008, foi colocado em Odessa num Centro para crianças dependentes. Wadim está com sua família; acolhido por sua mãe, encontra, com ela, o apoio e a compreensão necessária. Ele permanece sempre em contato conosco. Durante as férias, ele participou de um tempo forte de reflexão e de oração. Para nós, foi uma grande alegria!

CONCLUSÃO

Atualmente, continuamos os trabalhos de renovação de nossa casa: o térreo será destinado ao lar das crianças. Com esperança, olhamos rumo ao futuro e acreditamos que as melhores condições de habitação nos permitirão servir melhor as crianças de rua.

Contamos também com a generosidade das pessoas para nos ajudarem materialmente e nos apoiarem com suas orações, a fim de que nosso serviço dê frutos no futuro.

As Irmãs em missão em Balta.

NOMEAÇÕES

Designação das Visitadoras e nomeação dos Diretores provinciais

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE: Irmã Ester Lucas JOSE MARIA foi designada Visitadora em substituição de Irmã Therezinha MADUREIRA GONCALVES, em 18 de junho de 2008.

PROVINCIA DE SANTO DOMINGO: Irmã Servia Tulia GARCIA MARTINEZ foi designada Visitadora em substituição de Irmã Isaura MARTINEZ ENCARNACION, em 2 de julho de 2008.

PROVINCIA DA ESLOVÊNIA: Irmã Bernarda TRCEK foi designada Visitadora em substituição de Irmã Barbara SELIH, em 16 de julho de 2008.

PROVINCIA DO CONGO-CONGO: Irmã Angèle MBULA foi designada Visitadora em substituição de Irmã Suzanne ILOKO, em 29 de agosto de 2008.

PROVINCIA DO ORIENTE MÉDIO: Irmã Vicente ALLOUAN foi designada Visitadora por mais três anos em 29 de agosto de 2008.

PROVINCIA DE SIENA: Irmã Luisa FARRI foi designada Visitadora por mais três anos, em 17 de setembro de 2008.

PROVINCIA DE GRANADA: Irmã Maria Luisa SERRANO HENARES foi designada Visitadora por mais três anos, em 1º de outubro de 2008.

PROVINCIA DA INDONÉSIA: Irmã Victorin SISWATI foi designada Visitadora em substituição de Irmã Anna SOEPRATIWI, em 19 de novembro de 2008.

* * * * *

PROVINCIA DE FORTALEZA: o Padre Francisco José OLIVEIRA DOS SANTOS foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 31 de julho de 2008.

PROVINCIA DA ETIÓPIA: o Padre Girmay ABRAHA foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 5 de agosto de 2008.

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO: o Padre Paulo Eustaquio VENUTO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 4 de setembro de 2008

PROVINCIA DE BELO HORIZONTE: o Padre Onésio GONCALVES MOREIRA foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 4 de setembro de 2008.

PROVINCIA DA AMÉRICA CENTRAL: o Padre Anibal CORNEJO AMORES foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 4 de setembro de 2008.

PROVINCIA DE CALI: o Padre Ricardo QUERUBIN MARIN foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 4 de setembro de 2008.

PROVINCIA DO CONGO-CONGO: o Padre Désiré MOKOLO MOLANGA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 5 de novembro de 2008.

PROVINCIA DO HAITI: o Padre Marion PONCETTE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 24 de novembro de 2008.

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE: o Padre Eli CHAVES DOS SANTOS foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade para um mandato de três anos, em 6 de dezembro de 2008.

VISITA DOS SUPERIORES

Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral

Visite na Tanzânia

HISTÓRICO

Em 2004, o Bispo da diocese de Musoma, na Tanzânia, pede às Filhas da Caridade para virem em missão em sua diocese. A Visitadora da Etiópia, Irmã Asther, acompanhada por uma Irmã, foi à Tanzânia para estudar a possibilidade de uma implantação. Diferentes missões lhes foram apresentadas e, finalmente, elas escolheram Masanga como a aldeia mais adequada às Filhas da Caridade: aldeia isolada, árida, desprovida de instalações elementares correspondendo às necessidades das pessoas. Até aquele dia, nenhuma Congregação havia respondido ao pedido do Bispo.

Em 2005, Irmã Asthers, Irmã Wivine, Conselheira geral, e duas Irmãs da Província do Congo visitaram o Bispo. Uma das especificidades desta missão reside em seu caráter interprovincial. Com efeito, as Províncias do Congo e de Madagascar aceitaram colaborar nesta nova missão de Masanga e de enviar Irmãs. Estas duas Províncias sendo de países de língua francesa, as Irmãs devem aprender o inglês, depois, o kiswahili e finalmente a língua da tribo dos Kikurias.

Em junho de 2006, as três primeiras Irmãs chegam a Masanga com Irmã Wivine que lhes confia esta nova missão. Centenas de aldeões esperavam pela chegada das Irmãs e as acolheram com cantos e danças, para esta ocasião com vestiram fantasias da tribo. Depois de uma celebração eucarística bem animada, as 4 Irmãs foram conduzidas para sua nova casa, equipada com 4 camas, 4 mesas, 4 cadeiras, 4 lâmpadas a querosene preparadas para acolhê-las. Os aldeões lhes prometem continuar provendo a elas o necessário (xícaras, pratos, colheres, pedaços de sabão...).

Nós, Irmãs, ficamos impressionadas pelo sentido de partilha dos aldeões e por sua afeição fraterna. Depois de ter aprendido o inglês, começamos o estudo da língua kiswahili durante três meses.

Em dezembro de 2006, voltamos a Masanga para começar a missão e assumir a responsabilidade do dispensário, da Escola maternal, da pastoral e das atividades da paróquia ligadas ao desenvolvimento social. Estes diferentes serviços são realizados nas mesmas condições que aquelas de nosso alojamento: o estrito necessário. Por isso, nossa inventividade e nossa confiança na Providência são provadas, tanto mais que a morte súbita do Bispo, Dom Samba, no mês de agosto foi uma grande perda para nós.

No Natal, a Visitadora da Província do Congo, Irmã Suzanne e o Padre Diretor chegam, com Irmã Evelyn Candalaria, tradutora delas para a viagem, erigir nossa Comunidade: a Casa “Maria Imaculada”. Durante a visita, fizeram o inventário das necessidades da casa e dos serviços de nossa missão. A casa de Masanga é anexa à Província do Congo (composta pela República Democrática do Congo e República do Congo chamada sempre de Congo Brazavile). O Padre Diretor pediu para instalar painéis solares para produzir a eletricidade necessária para a Capela e outros.

Em Fevereiro de 2007, a Visitadora de Madagascar, Irmã Madeleine, veio com Irmã Wivine nos visitar. Vendo a realidade de nossa missão, Irmã Madeleine promete enviar o mais rápido possível novas Irmãs. Em fevereiro de 2008, duas Irmãs malgaxes foram estudar inglês em Nairobi, na casa de nossas Irmãs do Quênia, para em seguida, virem para nossa casa.

Em outubro de 2007, as três Irmãs “pioneiras” têm a alegria de acolher uma nova Irmã congoleza. Como nós expressamos durante nossa Assembléia doméstica, nós nos esforçamos para estar atentas ao Espírito de Deus que age no povo de Masanga. Demos graças a Deus pelo acolhimento sincero e simples deste povo tão generoso. Pouco tempo depois de nossa chegada, enquanto visitávamos algumas famílias, uma mãe idosa começou a bendizer o Senhor e contar a profecia de seu marido, morto depois de vários anos, ele dizia: *“Sipirina Sibora, tu verás que nosso setor será um dia religioso e construiremos uma grande Igreja aqui, missionários virão”*. E isto se realizou. Que graça, Senhor, acolher-Te em minha casa!”. Em seguida, ela trouxe uma jarra de água e folhas de árvore e nos pediu que abençoássemos sua casa. Esta confiança da população nos dinamiza, nos interpela, nos impulsiona a dar uma resposta de amor plena de alegria.

Em julho de 2008, as duas Irmãs malgaxes se unem a nós em Masanga.

Com ajuda de Irmã Evelyne e de seu Conselho, e o apoio de numerosas Províncias, do IPS e de amigos, a missão de Masanga começa a se desenvolver. Mas, percebemos também situações negativas ligadas à cultura: medos, efeitos nocivos das proibições e dos costumes tribais, feitiçaria, práticas como a poligamia, as extirpações... Tentamos desenvolver a devoção a Maria Imaculada e a Associação da Medalha milagrosa. Todos os domingos, os paroquianos são convidados a rezar o rosário, a novena da Associação e a adorar o Santíssimo Sacramento. Confiamos no poder de Jesus Salvador e contamos com a oração das Irmãs de toda a Companhia.

VISITA DOS SUPERIORES

Em agosto de 2008, a missão de Masanga recebe a visita de nossos Superiores: Notre Mère, Irmã Wivine, as Visitadoras do Congo e de Madagascar. Apesar de uma viagem longa e difícil, e da precariedade de nossa casa, as Visitantes não reclamam, mas, ao contrário, se entusiasmam diante do acolhimento caloroso dos aldeões que expressam sua alegria através de seus costumes e de seu folclore.

No primeiro dia, as Irmãs visitam:

- A escola infantil “Santa Catarina Labouré”: 152 crianças “vestidas a rigor” ficam orgulhosas de expressar seu acolhimento em inglês e em francês. Seus pais oferecem presentes de todos os tipos (ovos, frutas, sementes, sabão, roupas...) em agradecimento por tudo o que as Irmãs fazem por seus filhos e pela aldeia.

- O Dispensário “Maria, Nossa Senhora da Esperança”. Muitas mães, indo para o Dispensário pesar e vacinar seus filhos, ficam felizes de acolher as visitantes. Depois, estas visitam as salas do Dispensário onde conversam com os doentes e o pessoal de enfermagem.

No dia seguinte, visitam o Centro de formação (educação doméstica, aprendizagem de língua...) As visitantes admiram, entre outros, os trabalhos de corte e costura realizados por estas mulheres e estes homens e Irmã Evelyne os encoraja a melhorarem as condições de vida de suas famílias. Durante o tempo de pausa, cada Irmã pode ter uma conversa pessoal com Notre Mère.

À tarde, depois de ter se encontrado com as “aspirantes” e os membros da Associação da Medalha milagrosa, as visitantes foram para a Casa dos Padres da paróquia que apoiam muito as Irmãs desde sua instalação. Para elas, é a ocasião de oferecer a eles, alguns presentes: uma toalha de altar para a Igreja e medalhas para o serviço de evangelização. Foi com a chegada das Irmãs que os Padres descobriram a história e a mensagem da Medalha milagrosa.

No dia seguinte, fomos a Musoma visitar o novo Bispo, Dom Michael Msongankila e conversar sobre o contrato das Irmãs com a Diocese, falar-lhe de nosso carisma, de nossa integração no seio da diocese e da União das Religiosas da Tanzânia. Depois de uma partilha animada, tomamos um chá no refeitório do Bispo, como é costume na Tanzânia. “Karibu, Karibu chai!” Bem-vindo, bem-vindos para o chá! A hospitalidade é uma tradição profunda sólida na Tanzânia, semelhante a nossa virtude cristã, sempre vivida nas relações diárias, na simplicidade e na harmonia. Tecer boas relações é primordial e a partilha de um pouco de comida juntos é um meio de reforçar estes vínculos.

Antes de voltar a Masanga, visitamos o túmulo de Julius Nyrere, Ex-presidente da Tanzânia cuja causa já foi apresentada em vista de sua beatificação. Em Butiama, sua aldeia natal, admiramos o Museu e rezamos sobre seu túmulo a fim de que as virtudes de paz, de justiça e de solidariedade que ele viveu e ensinou, sejam vividas por todos os líderes do mundo, notadamente os da África.

O dia da viagem se aproxima. De acordo com o costume da Tanzânia, na véspera da partida dos visitantes, todos se reúnem para uma celebração familiar de “adeus” com danças e cantos típicos.

Fortalecidas pela graça da visita de Nossa Superiora geral, nós, as Irmãs da Casa Maria Imaculada de Masanga, rendemos graças a Deus por nos ter encorajado em nossa missão e, de acordo com o costume local, dizemos: “KARIBU TENA!” (Voltem para nos visitar!) “Asante sana!”.

As Irmãs de Masanga

HISTÓRIA DA COMPANHIA

No tempo de São Vicente... e Hoje

A fé de São Vicente

Propuseram-me tratar um tema sob este título: **Como reanimar a fé hoje**. Neste enunciado, uma palavra chama imediatamente minha atenção: é o termo... HOJE.

Acontece-me com muita frequência animar sessões ou intercâmbios com as Filhas da Caridade, e no título dos temas propostos, encontro com frequência, a famosa palavra! Cada vez que isto se apresenta, a minha reação é dupla.

Antes de tudo, digo a mim mesmo que o meu assunto é com verdadeiras filhas de São Vicente, inseridas na sociedade e na Igreja de seu tempo, que sabem muito bem que as vidas mais ricas, os exemplos mais provocadores, as mensagens mais prementes, não são sonhos nem nostalgias, se não se faz um esforço para traduzi-las e vivê-las hoje. A primeira reação me conduz sempre a pensar que o nosso verdadeiro problema, é buscar como Vicente de Paulo se adaptaria à nossa atualidade.

A segunda reação me concerne pessoalmente. Encontro-me diante de Filhas da Caridade, engajadas mui diversamente. Um dia, elas estão no mundo hospitalar; na semana seguinte, elas passam para o campo da educação; depois, são Irmãs estrangeiras, missionárias...

Isto mostra sua polivalência e está na linha original das fundações vicentinas. Sinto-me, porém, pequeno e desprovido diante da vida concreta, diante da experiência pastoral e social das Irmãs aplicadas nesta variedade de especializações.

Penso então que a tradução de São Vicente HOJE deve ser o resultado de uma busca em comum. Eu, procurando partilhar o que li e reli em São Vicente... e vocês, trazendo o que vivem nos seus compromissos concretos, cada dia. Aliás, é o que vocês compreenderam, pois, o programa prevê momentos de reflexão pessoal, e tempos de busca por grupos.

Proponho-lhes, por conseguinte, duas palestras, em torno do tema: **Reanimar a fé**.

A primeira: **SÃO VICENTE DE PAULO, AQUELE QUE CRÊ**.

A segunda: **SÃO VICENTE, AQUELE QUE DESPERTA E ANIMA A FÉ**.

I. SÃO VICENTE: AQUELE QUE CRÊ

Para abordar algum assunto que diz respeito a São Vicente, o método mais seguro é sempre voltar à experiência e ao caminhar do Fundador. Por temperamento e por formação, Vicente de Paulo sempre foi um homem que deu extrema importância à vida, ao acontecimento e à experiência. Encontramos aí uma das principais características de sua espiritualidade. Vamos rever, pois, antes de tudo, o caminhar de Vicente e seu itinerário na direção da fé.

Como para todos nós, o meio familiar e o período da infância foram os que tiveram um papel preponderante na existência de Vicente de Paulo. Ele nasceu numa família camponesa, pobre, profundamente e tradicionalmente cristã. A melhor parte de sua primeira formação crista, ele a deve certamente a seus pais, sobretudo à sua mãe, à sua família e ao seu meio.

Praticamente nada se sabe sobre o estado e a vida paroquial de Pouy naquela época, mas, é bem provável, que além da missa do domingo, a animação pastoral era do nível de todas as pequenas paróquias rurais da região, isto é, praticamente inexistente. Não havia, particularmente, sem dúvida alguma, catecismo organizado para as crianças. Sabemos que a catequese foi uma **inovação** e uma das grandes ações empreendidas por São Vicente na Igreja da França, precisamente porque por toda parte por onde ele passava, só constata sua inexistência ou sua mediocridade.

Por conseguinte, aos 14 anos de idade, o jovem Vicente, não tinha recebido nenhuma instrução cristã a não ser de sua família e do seu meio. Esta educação, portanto, era profunda e duradoura, marcando assim sua fé. Por não poder realizar um maior aprofundamento e desenvolvimento neste assunto, permitam-me chamar a atenção de vocês sobre um aspecto particular da fé de Vicente de Paulo, um aspecto mais importante e que o consideramos comum. Vicente teve uma fé rural, isto é, campesina, uma fé muito orientada pelo pensamento da Providência, uma fé muito alimentada também pelo Evangelho (sobretudo na parte rural; as parábolas, por exemplo) uma fé simples (*inabalável*) como ele dizia; uma fé prática e concreta, muito mais provocada pela vida, do que pelas considerações intelectuais. Se vocês tiverem ocasião, explorem estas pistas, que somente agora posso evocá-las.

Portanto, a fé de Vicente de Paulo foi, primeiramente, despertada e formada no seu meio familiar e social, e esta o marcou profundamente.

Vieram depois os nove anos de estudo, de 1595 a 1604, anos importantes também. No pequeno colégio de Dax, o catecismo devia ser ensinado, tanto mais que na época não havia diferença entre a instrução religiosa e os estudos profanos: aprendia-se a ler e a rezar nos livros de orações, estudava-se a História Sagrada e a vida dos Santos.

Mas, foram, sobretudo, os anos passados na Universidade de Toulouse que permitiram a Vicente aproximar-se seriamente da teologia, tal como se ensinava na época. Nosso estudante deixa a Universidade com um diploma de Bacharel, o que lhe permite ser professor. De passagem, observemos o grau de formação e de cultura de Vicente de Paulo, muito acima da metade do clero de sua época. Ele se dizia e é verdade: *“pobre estudante do quarto ano”*. Humildade de gascão, asseguremo-nos! O que parece dizer... um pouco de humildade e muita “gasconhada!”

Insistiu-se tanto sobre a inteligência prática e concreta de Vicente de Paulo que, às vezes, quase fizemos dele uma espécie de Cura d’Ars antecipado... Porém, é bom lembrar que São Vicente fez seus estudos em muito bom nível. E, podemos pensar que estes estudos o ajudaram eficazmente a estruturar sua fé, mesmo se eles não o conduziram, parece, a corrigir seu primeiro projeto de vida.

No transcurso de seus estudos, Vicente percorreu as diferentes etapas que o levou ao sacerdócio: tonsura, dia 20 de dezembro de 1596, subdiaconato e diaconato em 1598, ordenação sacerdotal, dia 23 de setembro de 1600. Estas experiências, certamente, marcaram o itinerário de fé de Vicente de Paulo. Um dia, ele escreverá: *“... Se tu tivesses sabido o que era, quando tive a temeridade de entrar para o estado eclesiástico, como eu o soube **depois** teria preferido mais trabalhar na terra do que me engajar num estado tão terrível; foi o que testemunhei mais de cem vezes aos pobres do campo, quando os encorajava a viver contentes e como pessoas de bem, eu lhe disse que os queria felizes em suas condições e, com efeito, quanto mais eu me tornava idoso, mais aumentava minha convicção neste sentido, porque descobri todos os dias como estou longe da perfeição **na qual deveria permanecer!**”* (Coste V, 568). O mínimo que posso dizer, é que o jovem estudante de Toulouse não tinha ainda tomado consciência, em 1600, do sacramento e da missão que recebia.

Depois dos estudos em Toulouse chega o período das viagens; período mais movimentado, a ponto de tornar-se difícil seguir o nosso Vicente viajante, que corre atrás da famosa “promoção”.

No fim de 1608, nós o encontramos em Paris. Ele se torna então responsável pela distribuição das esmolas na corte de Margarida de Valois e passa pela sua primeira provação: é acusado injustamente de roubo. Muito mais tarde, o Padre Vicente fará alusão ao penoso incidente e contará aos missionários para terminar o seu relato, dizendo: *“Vejam, senhores Padres, às vezes, Deus quer provar as pessoas, e para isto permite que aconteçam semelhantes encontros”* (Coste XI, 337).

Parece então que Vicente começa a refletir seriamente, tão logo fez o conhecimento de Bérulle, o fundador do Oratório. Bérulle era um mestre espiritual impressionante, austero, profundo: Vicente se coloca sob sua direção.

A influência de Bérulle foi grande no desenvolvimento e na maturidade da fé de Vicente de Paulo, mesmo se depois de alguns anos, o discípulo preferiu tomar suas distâncias. Sobretudo, sob dois pontos a fé de Vicente foi provocada: **o Cristo e o sacerdócio**. Com efeito, Bérulle e toda a escola francesa de espiritualidade, insistiam muito sobre uma fé centrada em Jesus Cristo, por uma parte, e, por outra, sobre a dignidade do estado sacerdotal. Podemos adivinhar facilmente que esta reciclagem teológica, sobretudo espiritual, chegava num momento propício. Foi então que Vicente de Paulo foi lançado na experiência entusiasmante de Clichy.

Ele era então sacerdote há doze anos e era praticamente a primeira vez que se encontrava verdadeiramente numa situação pastoral. Foi um período extraordinário: *“Tinha um tão bom povo e tão obediente em fazer tudo o que eu pedia que, quando eu lhes dizia que era preciso vir confessar nos primeiros domingos do mês, não faltava ninguém. Eles vinham, confessavam-se e eu percebia cada dia o crescimento dessas almas. Isto me deu tanto consolo e eu me sentia tão contente que dizia a mim mesmo: Meu Deus, como deves te sentir feliz por ter um povo tão bom! E, acrescentava: Penso que o Papa não é tão feliz quanto um cura no meio de um povo que tem um coração tão bom. E, um dia, quando o senhor Cardeal de Retz me perguntava: Pois bem, Padre, como vos sentis? Eu lhe respondi: Monsenhor, estou tão contente que não sei o que dizer. Por que? Tenho um povo tão bom, tão obediente a tudo o que lhe digo, que penso comigo mesmo que nem o Papa, nem vós, Monsenhor, sois tão felizes quanto eu”* (Coste IX, 646).

Este eco de felicidade é muito significativo no itinerário espiritual do Padre Vicente. Sente-se aí um sacerdote já situado e equilibrado no meio de um povo, e uma fé que se desperta ao contato da fé simples do povo.

Vicente, portanto, não tinha ainda abandonado seu projeto de um honesto “benefício”. Depois de dezesseis meses em Clichy, ele será preceptor na influente família dos Gondi. Foi então o dia e a noite. Certamente, a promoção era sem discussão, mas, à atividade pastoral tão consoladora, sucedia uma certa ociosidade dourada. O contato direto, contagiante e caloroso do bom povo, era substituído por usos estilizados de uma grande família, e, sobretudo, pela presença possessiva da Senhora de Gondi, generosa, sem dúvida alguma, mas, muito escrupulosa. Compreende-se que Vicente numa tal situação, sentia-se pouco a pouco definhando e asfixiando.

Foi, então, que ele passa por uma terrível crise que o atinge no essencial de sua fé. Abelly, o seu primeiro biógrafo, deixou-nos alguns detalhes sobre esta provação, e, aliás, sabe-se que Vicente chegou a não poder nem mesmo pronunciar um “Eu creio em Deus Pai”. Mais tarde ele dirá, o que se pode considerar como uma lembrança amplamente autobiográfica: *“Isto nos ensina, de passagem, como é perigoso manter-se na ociosidade, quer do corpo, quer do espírito; pois, como a terra, por melhor que ela possa ser, se, não obstante, é abandonada num terreno baldio, produz imediatamente cardos e espinhos, o mesmo acontece com nossas almas, ela não pode ficar muito tempo em repouso e na ociosidade, ela sente algumas paixões ou tentações que a conduzem ao mal”* (Coste XI, 33). É, sem dúvida, um pouco neste estado que se encontrava Vicente de Paulo na véspera do famoso ano de 1617; ano... (pode-se dizer e Vicente o sugeriu) o ano da conversão.

Nós não vamos voltar a falar sobre estes acontecimentos muito conhecidos de Gannes-Folleville e Châtillon-les-Dombes. Apenas algumas observações, passando por cima da história.

Os testemunhos que possuímos sobre estes dois acontecimentos e suas conseqüências permitem-nos seguir de uma maneira bem próxima o itinerário psicológico e espiritual, no transcurso desta etapa primordial da história da fé de Vicente de Paulo.

Em Ganes, depois da confissão do ancião, Vicente nos aparece impressionado e, surpreso, como alguém que sai de uma longa noite. Parecia necessitar de alguém que o despertasse, que o estimulasse... E este alguém apareceu. Com efeito, quando Vicente evocará o acontecimento de Gannes-Folleville, dará sempre um lugar considerável e de primeiro plano à Senhora de Gondí, e, podemos ter a certeza de que não foi só por humildade.

Foi a Senhora de Gondí que enfatizou e interpretou o acontecimento: foi ela, quem como boa escrupulosa, generalizou e dramatizou a situação: “Ah! Senhor Padre, o que é isto?... O que é que acabamos de ouvir? Sem dúvida alguma isto acontece com a maior parte dessa pobre gente. Ah! Se este homem que passava por um homem de bem estava em estado de condenação, o que será dos outros que vivem tão mal? Ah! Padre Vicente, quantas almas se perdem! Que remédio dar?” (Coste XI, 4). Foi ela ainda que impulsionou Vicente a pregar no dia seguinte, sugerindo-lhe até mesmo o tema para a pregação; e, é sempre ela quem pede ao Padre Vicente para continuar a experiência de aldeia em aldeia. Talvez tivesse sido necessária esta motivação da parte da Senhora de Gondí para levar Vicente de Paulo a reagir; os textos o afirmam e psicologicamente o compreendemos muito bem. Não nos esqueçamos da crise que Vicente acabava de passar.

No dia seguinte, portanto, Vicente prega, e conhecemos todos qual foi a reação simples e maciça da brava gente de Folleville, a ponto de se fazer apelo aos Reverendos Padres Jesuítas de Amiens para poder responder ao número inesperado de penitentes. Depois desta animação providencial e determinante da parte da Senhora de Gondí, eis, pois, o testemunho de tal modo provocante e atraente do bom povo. Sem romancear, podemos pensar que na tarde de 25 de janeiro de 1617, Vicente de Paulo tinha pelo menos encontrado um pouco de alegria, que conheceu em Clichy: “a alegria, para um cura, de estar no meio de um povo que tem um coração tão bom!” (Coste IX, 646).

Nos dias e meses que seguiram, Vicente viveu de novo a experiência de Folleville em outras aldeias e isto o fez sem dúvida entrar numa profunda revisão de vida. Podia ele continuar a ser preceptor numa grande família, depois de ter vivido o que acabava de viver? No final de julho, ele desaparece da casa dos Gondí. Uma carta do Senhor de Gondí, conhecido de Abelly, mostra a admiração que lhe suscita esta fuga: Estou extremamente admirado por ele não ter dito nada sobre sua resolução! Ele fugiu, o que era ao mesmo tempo prova de uma decisão, mas, igualmente, sinal de uma certa fragilidade, de uma certa desconfiança de si mesmo. O Padre de Bérulle estava dentro do complot, pois, foi ele quem propôs a Vicente ir para Châtillon. Havia três meses que ali estava quando sobrevém o segundo acontecimento. Nesta nova situação, mede-se todo o caminho percorrido desde o 25 de janeiro. A motivadora já não está mais lá; e Vicente reage sozinho e de repente: ele está bem desta vez, é a hora da Providência.

Observemos que, uma vez mais, o bom povo terá um papel determinante, pela acolhida que fez ao apelo do seu novo pároco e pela generosidade espontânea. Na mesma tarde deste 20 de agosto de 1617, Vicente tira lições do acontecimento, e sem dúvida pensava ainda mais uma vez na felicidade de um padre no meio de seu povo.

Assim, passou o tempo de 24 de janeiro a 20 de agosto de 1617; foi certamente o período-chave da história da fé do Padre Vicente.

A seguir, o itinerário continuará. Pode-se, no entanto, dizer que desde 1617, a fisionomia espiritual de Vicente de Paulo estava traçada e que as características marcantes

de sua vida ficaram determinadas. Estas características da fé de São Vicente, nós as resumiremos em quatro: O Cristo, o Evangelho, a Igreja, o Acontecimento.

1. O CRISTO antes de tudo.

Já lhes assinalei por ocasião do encontro de Vicente com o Padre de Bérulle, que a centralização da fé em Jesus Cristo era uma das grandes idéias da Escola Francesa. Conhecemos, mais ou menos, os programas e os métodos dos estudos da Universidade da época e, podemos dizer que não foi, provavelmente, durante sua estada em Toulouse, que Vicente tornou sua fé profundamente “cristocêntrica”, como dizemos hoje.

No transcurso das Sessões, me acontece, às vezes, implicar respeitosamente com o Padre de Bérulle, autor da “Vida de Jesus no seio de sua mãe”. Isto não impede reconhecer com boa vontade que ele e os outros mestres da Escola Francesa prestaram a Vicente de Paulo e, por conseguinte, a nós, um serviço inigualável.

Desde o fim da Idade-Média a fé e, particularmente, a fé do bom povo não conseguia separar-se das mil práticas, devoções, crenças, e, às vezes, de superstições de toda sorte. Neste acúmulo inverossímil que se pensava ser uma fé, um dogma, uma moral e um culto, apresentava-se, com freqüência e se admitia, sem que se recorresse a nenhuma hierarquia de valores nem à menor estrutura. Vocês sabem que o protestantismo foi uma reação, poder-se-ia dizer normal, contra este estado de coisas.

O Concílio de Trento tinha na metade do século XVI redefinido enérgica e claramente tudo o que dizia respeito à proposição da fé. Mas o Concílio e suas decisões só foram reconhecidos na França, pelos Estados Gerais de 1614, 51 anos depois do próprio Concílio e sua aplicação foi feita mui lentamente.

A Escola Francesa de Espiritualidade teve, pois, o grande mérito de centralizar a fé no mistério do Filho de Deus. Vicente de Paulo neste ponto capital foi um aluno notavelmente consciencioso da Escola Francesa. “Lembrai-vos Padre”, escrevia ele a um de seus coirmãos, “lembrai-vos que vivemos em Jesus Cristo pela morte de Jesus Cristo; que devemos morrer em Jesus Cristo pela vida de Jesus Cristo; que nossa vida deve permanecer oculta em Jesus Cristo, cheia de Jesus Cristo, e que, para morrer como Jesus Cristo é preciso viver como Jesus Cristo” (Coste I, 295).

Esta frase que tem realmente o balanço de um hino pode parecer algo complicada. Em quatro ou cinco linhas o Padre Vicente cita oito vezes o nome de Jesus Cristo e isto, parece-me ser uma imagem fiel, do lugar que ocupava Jesus Cristo na fé de Vicente de Paulo.

Finalmente, ele tinha encontrado esta fé simples e viva, esta fé “que não se abala”. Imediatamente tudo se organiza a partir do princípio que nossa vida deve ser a continuação de Jesus Cristo e imitação de Jesus Cristo. Estes dois temas voltam sem cessar ao pensamento e à ação de São Vicente. Mas, se São Vicente se revelava um aluno brilhante e entusiasmado da Escola Francesa, ele ia muito mais longe. A Escola, com efeito, apresentava uma doutrina teologicamente sólida, porém, um pouco etérea e planetária. Era preciso ler, por exemplo, as “Elevações a Jesus sobre seus principais estados e mistérios” de BÉRULLE, para dar-se conta. São verdadeiramente Elevações muito elevadas! “E durante este tempo” teria dito VICENTE... “o pobre povo do campo morre de fome e se condena”.

A fé de Vicente de Paulo em Jesus Cristo foi definitivamente marcada pelos acontecimentos de 1617. O Cristo que se revela em Gannes-Folleville, depois em Châtilon foi, como ele não se cansava de dizer, o Cristo enviado por Deus para evangelizar e servir os pobres: “Nossa partilha, pois, Padres e meus Irmãos, são os pobres, os pobres. Ele me enviou evangelizar os pobres! Que felicidade, Senhores, que felicidade! Fazer o que fez Nosso Senhor ao descer do céu à terra e para quê iremos nós da terra ao céu, continuar a obra de Deus, que fugia das cidades e ia para os campos buscar os pobres. Eis para quê

nos ocupam nossas regras; para ajudar os pobres, nossos senhores e nossos mestres” (Coste XII, 4-5).

Deste modo, Vicente de Paulo pôs todas as riquezas incontestáveis de Bérulle e dos grandes mestres espirituais em relação com os pobres, com o pequeno povo de Deus. Aquele que era o centro de sua fé: JESUS CRISTO enviado para evangelizar os pobres. Certamente encontramos a característica fundamental da fé de São Vicente: uma adesão a Jesus Cristo... Jesus Cristo enviado aos pobres! Vamos ter uma ilustração disso, ao nos determos no segundo aspecto característico desta fé.

2. O EVANGELHO

Segundo Abelly, um coirmão do Padre Vicente dizia: “O Evangelho era seu livro e seu espelho, no qual se olhava em todos os encontros; e, quando se achava diante de alguma dúvida sobre o que deveria fazer, ... imediatamente considerava de que maneira se comportaria Nosso Senhor se estivesse em semelhante ocasião ou, então, o que teria dito ou que significado tinham suas máximas”.

Para Vicente de Paulo, o Evangelho era, na verdade, o livro por excelência da fé, o livro que lhe permitia encontrar diretamente e, sobretudo, de uma maneira simples, o pensamento e a vontade de Jesus Cristo. É claro, não se vê aqui uma atitude plenamente original, pois, esta aproximação ao Evangelho deveria ser a de todo cristão. Mas, Vicente, para alimentar sua fé, tinha uma maneira própria de abordar o Evangelho. Ele possuía a chave, ou melhor, suas chaves de leitura. Quando entrava no Evangelho, entrava sempre por duas portas: Lc. 4, 18 e Mt. 25, 31.

Lucas 4, 18 é um texto que com muita frequência eu citei. É a passagem do Evangelho onde, no começo de sua vida pública, JESUS aplica a si mesmo as palavras do Profeta Isaías: “O Senhor me enviou anunciar o Evangelho aos Pobres”. Para Vicente de Paulo, este texto era a explicação de base de todo o Evangelho. E quando se lê os textos vicentinos, tem-se a impressão que cada vez que Vicente aborda o Evangelho, ele considera se o que é dito e escrito vem de Jesus Cristo, o Enviado aos Pobres. Isto faz com que sua leitura do Evangelho seja a de um missionário que não se cansa de pensar nos pobres e que interpreta cada passagem evangélica, em função do anúncio aos pobres. Posso assegurar-lhes que se quiserem comparar a aproximação vicentina do Evangelho, e a de outros mestres espirituais (Escola Francesa, Santo Inácio, São Francisco de Sales), vocês observarão bem depressa em São Vicente esta leitura seletiva e assim orientada.

A segunda chave de leitura, Mateus 25, 31 vem reforçar este aspecto da fé de São Vicente. Esta evocação do Juízo Final feita pelo Cristo: tive fome e me destes de comer; estava doente ou prisioneiro e me visitastes; era estrangeiro e me acolhestes. Eis, para vocês, Filhas da Caridade, o texto evangélico base. É a chave particular, enquanto que a da Congregação da Missão é a de Lucas 4, 18. Como vocês vêem, o Padre Vicente pensou em tudo.

Não gostaria de estender-me muito. Falta-nos ainda evocar dois pontos importantes da fé de São Vicente. Permitam-me, pois, insistir ainda sobre esta leitura vicentina do Evangelho, pois, ela é muito significativa da fé de São Vicente. Em nossos dias, nutricionistas declaram, às vezes: “Diga-me o que comes e eu dir-te-ei quem és”. Esta afirmação compreende, sem dúvida alguma, certa verdade, bastaria que a acolhêssemos colocando-a em paralelo com nossa sociedade de consumo e os países subdesenvolvidos! Porém, no que se refere à fé, compreende-se largamente que nossa maneira de alimentar é psicológica, sociológica e, espiritualmente, determinantes. É bem certo que conhecendo a constância com a qual o Padre Vicente lia e meditava cada dia o Evangelho, para alimentar-se à saciedade, podemos, sem dificuldade, fazer uma idéia do que ele era.

3. A IGREJA

É preciso lembrar o itinerário que sobrevoamos há alguns instantes, e, sobretudo, os dezessete primeiros anos de sacerdócio tais como foram vivenciados por Vicente. No decurso desses dezessete anos, ele só conheceu três períodos de alegria pastoral: Clichy, Folleville e Châtillon. Em cada uma dessas circunstâncias, esta alegria lhe foi dada pelo bom povo. De Igreja, Vicente teve, primeiramente, durante quatorze anos em Pouy, uma idéia tradicional e, sem dúvida, um pouco longínqua. Depois, a partir de 1595, ele a aproxima como uma realidade sobrenatural é certo, mas, sobretudo, como um organismo hierárquico. Neste período, ele pensava crescer na vida. (Cf. viagem a Bordeaux, em 1604!).

Em Clichy, Vicente começa a fazer experiência de uma realidade mais profunda: a realidade do povo de Deus. Vimos como Folleville e Châtillon o levaram a aprofundar definitivamente esta experiência. É verdade, a dimensão hierárquica da Igreja conservava para ele o seu valor pleno e Deus sabia, se para frente ele o levou em consideração. Mas, para ele a hierarquia não era mais considerada como um termo, mas como um meio posto a serviço do povo de Deus e no coração do povo de Deus, a serviço prioritário dos mais pobres.

Como em vários outros domínios, a eclesiologia de Vicente de Paulo, isto é, o conceito que ele fazia da Igreja, era espantosamente moderna, próxima mesmo de certos textos do Concílio Vaticano II. Para não estender-me muito, envio-as a dois fatos; o primeiro encontra-se em Coste XI, 34-37, onde é relatada a conversão de um herético. O episódio ocorreu em 1620. O Padre Vicente, de volta da casa dos Gondi desde 1617, pregava missão sobre missão, nas aldeias da família. Ele se encontrava, então, em Marchais, no Aisne, onde preparava uma missão que devia ser pregada no ano seguinte. Ora, um protestante injuriando, dizia que a Igreja de Roma, certamente, não era a Igreja fundada por Jesus Cristo pela boa razão de que ela não se preocupava com a evangelização dos pobres. Compreende-se, sem dificuldade, que esta contestação atingiu o ponto sensível de Vicente; ele pensava continuamente nisso.

Quando Vicente, no ano seguinte, vem pregar a Missão, o protestante participa dela e se converte depois de ter constatado com seus olhos, que esta era verdadeiramente uma evangelização dos pobres.

O que foi o mais significativo do acontecimento encontra-se, sem dúvida, na conclusão que o Padre Vicente tira disso: “Oh! Que felicidade para nós, missionários, verificar o proceder do Espírito Santo sobre sua Igreja, trabalhando, como nós fazemos, à instrução e santificação dos pobres!” (Coste XI, 37). Esta frase deve ser pesada e pensada se queremos compreender a idéia que se fazia Vicente de Paulo da Igreja: a evangelização dos pobres é um sinal da autenticidade da Igreja.

O segundo fato ao qual eu as envio foi um sermão de Bossuet, sermão em que todos concordam em reconhecer que ele foi plenamente inspirado por Vicente de Paulo, quando, então, tinha 79 anos. Este sermão, pronunciado diante da Corte, era intitulado: Sobre a iminente dignidade dos pobres. Contentar-me-ei em dizer para vocês uma passagem que traduz muito bem, acho eu, através das palavras de Bossuet, o pensamento profundo de São Vicente e a idéia que se fazia da Igreja: “a Igreja de Jesus Cristo é verdadeiramente a cidade dos Pobres. Os ricos, não temo em dizê-lo, nele não serão admitidos, na qualidade de ricos, senão por tolerância. Vinde, pois, ricos, a porta da Igreja vos está aberta, porém, ela vos está aberta em favor dos pobres e à condição de servi-los. É por amor pelos seus filhos que Deus permite a entrada a pessoas estrangeiras... Os ricos são estrangeiros, mas, o serviço dos pobres os naturaliza... Ricos do século, usai quanto queirais estes títulos suntuosos, vós os podeis usar no mundo; mas, na Igreja de Jesus Cristo, vós sois apenas os servos dos pobres...”

A fé de São Vicente foi a fé de uma Igreja, Cidade dos pobres e Serva dos Pobres, como lembrou o Vaticano II. As Conferências das terças-feiras, os Seminários e a ação do Padre Vicente, durante dez anos, no Conselho de Consciência, tiveram, sobretudo, por objetivo fazer nomear Bispos, formar Padres e leigos, capazes de fazer aparecer cada vez mais a Igreja, como a Cidade dos Pobres.

4. O ACONTECIMENTO.

Este foi o último aspecto característico da fé de Vicente, a respeito do qual precisamos ainda voltar à sua experiência e ao seu itinerário. Seu temperamento, bem como suas raízes rurais e gasconhas, incitaram-o a tornar-se um homem concreto e até mesmo pragmático. Mas, foram principalmente suas experiências espirituais que o levaram a considerar o acontecimento como portador da mensagem e como presença de Jesus Cristo.

Foi o caso mui especial de Gannes-Folleville e Châtillon. Nestas duas circunstâncias, ele mesmo afirma que teve a certeza de ter se encontrado com Deus. Ele teve a oportunidade de repeti-lo várias vezes: “Não fui eu... foi Deus”. Desta maneira, todos os acontecimentos, sobretudo, os que têm relação com os pobres, tornaram-se para Vicente mensagens e sinais de fé.

Foi assim, por exemplo, em Marchais, quando espontaneamente Vicente abre a mensagem e tira suas conclusões. Poderia citar uma quantidade de exemplos: os encontros com Luísa de Marillac, com Margarida Naseau, com o Bispo de Beauvais (para os Ordinandos), ou ainda os começos da obra das Crianças Abandonadas, os acontecimentos que se desenrolam em Madagascar ou na Polônia, ... em todas estas situações. Vicente lia tão bem o acontecimento quanto o Evangelho, o acontecimento iluminava e alimentava sua fé. Isto também foi um aspecto muito modesto da fé de São Vicente.

Depois do Vaticano II, falou-se muito de sinais dos tempos. Sem ter empregado estes termos, Vicente de Paulo foi, na matéria, um mestre de leitura.

Precisaríamos ter tempo para tomar novamente aqui as repetições de oração que aparecem nos Tomos XI e XII de Coste. Estas repetições de oração, que foram uma invenção do Padre Vicente, tiveram, com efeito, entre outras vantagens, a de nos fazer penetrar na oração do Padre Vicente, num tempo, evidentemente muito forte de sua vida de fé. Ora, esta oração nos aparece como um diálogo íntimo, numa praça pública repleta de gente. Diálogo com Jesus Cristo continuamente presente, mas, numa praça invadida pela Missão da Polônia ou da peste de Gênova ou dos dramas de Madagascar ou dos pobres do mundo. O Padre Vicente, como o Cristo e a Comunidade, evocava os acontecimentos e buscava de novo o seu sentido e a lição providencial que os levava a melhor vivê-los. Foi sem dúvida nestas repetições de oração que podemos encontrar a melhor ilustração do lugar que ocupava a fé que São Vicente reservava ao acontecimento.

Abrevio e termino... Evocamos Vicente de Paulo, aquele que acredita ao longo do seu itinerário, através dos aspectos essenciais e dos pilares de SUA FÉ: Jesus Cristo, o Evangelho, a Igreja e o Acontecimento. O que é mais impressionante em tudo isso, é talvez, em definitivo, a simplicidade e a unidade. Tudo, com efeito, parece coerente; tudo parece dinâmico no sentido forte do termo: isto impulsiona à ação e ao engajamento. A contemplação de JESUS CRISTO é contemplação do Enviado aos pobres; é, pois, uma contemplação que nos deve, irresistivelmente, transformar para servir os pobres. O EVANGELHO, nele entramos por duas portas vicentinas, e quando as franqueamos, somos ainda enviados de novo aos pobres. A IGREJA é a Cidade dos Pobres. Enfim, o ACONTECIMENTO é a Polônia, todas as Polônias; é Madagascar e todas as Madagascás; é hoje, o encontro diário com tantos pobres.

Numa palavra, a melhor definição da fé de São Vicente parece nos ter sido dada pelo famoso “Deixar Deus por Deus”, o movimento perpétuo entre Jesus Cristo e o pobre. É certamente a experiência de fé fundamental que nos propõe São Vicente.

II - AQUELE QUE DESPERTA E ANIMA A FÉ

Para dizer a verdade, este tema apaixonante é por si mesmo um mundo. Engloba praticamente toda a atividade de São Vicente, pois, mesmo se insistimos mais sobre o aspecto caritativo e social de sua ação, sobre seus inumeráveis empreendimentos, seu objetivo primeiro foi sempre o anúncio da boa nova aos pobres. Ele nada fundou e nada empreendeu que não tivesse por objetivo a evangelização. O tema que abordamos é também praticamente inesgotável. Vocês me perdoarão por manter-me nestas grandes características e em algumas pistas de busca e de reflexão.

Observemos pelo menos que, sem retomar o itinerário espiritual de São Vicente, os dois acontecimentos determinantes do ano 1617 foram, justamente, situações nas quais Vicente de Paulo revelou, sobretudo, a si mesmo, como aquele que desperta e anima a fé. Tanto em um como no outro caso, ele provocou a seu redor, anunciando o Evangelho, e colocando este anúncio em relação concreta com um fato da vida; com a vida.

A partir deste ponto de vista, a conversão do Padre Vicente se apresenta um pouco como o apelo dos profetas no Antigo Testamento e como a vocação dos Apóstolos do Novo. “Doravante, tu serás pescador de homens”, disse JESUS a Simão Pedro... “Doravante, serás missionário, em seguimento de Jesus Cristo, evangelizador dos pobres” ... É o que Vicente ouviu e cumpriu progressivamente, entre 25 de janeiro e 20 de agosto de 1617. Desse modo, ser aquele que desperta e anima a fé foi simplesmente A MISSÃO de Vicente de Paulo. Como, pois, cumpriu ele esta missão?

É preciso antes de tudo, não esquecer que Vicente de Paulo viveu numa época e numa civilização de cristandade. Os problemas da descrença e do ateísmo, praticamente, não se admitiam. Isto também nos obriga a uma séria ginástica mental e pastoral para transpor e traduzir hoje, o que Vicente viveu e realizou num mundo bem diferente do nosso.

Dois grandes problemas questionavam então a Igreja: por um lado o Protestantismo (saíamos apenas das guerras de religião), e por outro, a ignorância da maior parte dos que acreditavam, ignorância que o Padre Vicente coloca, severamente, na conta dos sacerdotes: “Sim, Senhor, somos nós que temos provocado vossa cólera: sim, são estes clérigos e aqueles que aspiram o estado eclesiástico; são os subdiáconos, os diáconos, os Padres, nós que somos Padres, que causamos esta desolação na Igreja!”

No concernente ao Protestantismo, observemos simplesmente que a atitude pastoral do Padre Vicente foi simplesmente mais aberta e mais ecumênica do que a da maior parte de seus contemporâneos (cf. Coste II, 447, VIII, 183 e XI, 34-37). Mas, hoje, não podemos abordar esta questão.

De qualquer maneira, a ação missionária do Padre Vicente dirigia-se quase só aos crentes ou mais certamente ao além dos mares, na África do Norte, depois em Madagascar. Sendo aquele que desperta e anima a Fé, Vicente era, pois, sobretudo, para as pobres gentes, batizadas, porém, ignorando o essencial de sua fé. Como o foi? Retenhamos quatro meios, que eu enumero sem pensar na importância da ordem: a pregação, a catequese, o serviço, o testemunho.

1. A PREGAÇÃO.

Talvez este não seja o meio que mais lhes interessa. Vocês são mais usuárias... esperando ser, tenho certeza, praticantes eméritas. Mas, vocês compreendem facilmente

que é impossível falar em despertar e animar a fé de São Vicente, sem considerar sua pregação. Vocês sabem que é precisamente por meio da pregação que, em 1617, Vicente de Paulo, primeiramente, manifestou-se como despertador e animador da fé.

Indiscutivelmente, Vicente de Paulo devia possuir o dom da palavra. O sucesso (ele mesmo emprega a palavra em Coste XI, 5) que aprova suas intervenções de Folleville e de Châtillon e que são a prova, e se quiserem ter uma pequena idéia de seu talento, vocês têm a possibilidade de ler ou reler em voz alta se possível, tal ou tal passagem de suas conferências. Por exemplo, em Coste XII 92-93: “Quem poderá desviar-nos desses bens começados? Serão os espíritos libertinos, libertinos, libertinos, que não pedem outra coisa senão divertir-se, contanto que tenham o que comer, não se preocupando com outra coisa...”. Ou em Coste XII, 238-241, com retratos à moda de La Bruyère: “Bom Deus! Encontram-se na Companhia quem, por não estudar depois de seu Seminário, como o esperavam, murmuraram tanto, fazem tantas queixas e mistérios que dá pena. Mas, Padre, mas, meu Irmão, viestes aqui para fazer a vontade de Deus e não a vossa; para obedecer e não para estudar! Pois bem! Vós não estudareis! Esta criança que é o vosso espírito vos tem apegado, esta afeição desregrada vos cativa; ide, aprendei a vos tornardes livres e indiferentes; que esta seja a vossa lição... Outros têm a paixão de serem Padres antes do tempo; outros, pregar, disputar, ser empregados, ir e vir; existem poucos que não tenham seu Isaac bem-amado; mas, é preciso se desfazer dele, é preciso esvaziar o nosso coração de outro qualquer amor que o de Deus, e de toda outra vontade que não seja a obediência”. Ainda em Coste XIII, 801: “Oh, Senhoras! A compaixão e a caridade vos fizeram adotar estas pequenas criaturas como vossos filhos; vós vos fizestes suas mães segundo a graça depois que suas mães segundo a natureza as abandonaram; vede se agora quereis, vós também abandoná-las. Deixareis de serem suas mães para vos tornardes no presente seus juízes; sua vida e sua morte estão entre vossas mãos; vou recolher os votos; já é tempo de pronunciar um basta e saber se não quereis ter mais misericórdia por elas. Elas viverão se continuais a ter um cuidado caridoso por elas; e, pelo contrário, morrerão infalivelmente, se as abandonais; a experiência não vos permite por em dúvida tudo isso”.

Porém, foi talvez, precisamente numa conferência sobre a pregação, que o Padre Vicente, dirigindo-se aos missionários, revela-se como excelente pregador (Coste XI, 257-287). É uma conferência apaixonante, além do título que compreende arrebatamentos extraordinários. Ela é muito longa e, detalhe interessante: aí vemos o Padre Vicente lutar com o relógio de São Lázaro, que anda tão depressa, causando-lhe admiração. Apenas abordou o seu segundo ponto que o relógio toca: “O que aconteceu? Os três quartos de hora... Senhores Padres, suportai-me ainda: eu vo-lo rogo, suportai-me, miserável. Digamos, pois, alguma coisa sobre o terceiro ponto; vejamos alguns meios para nos colocarmos neste método tão útil” (Coste XI, 275). Mas, quando o Padre Vicente fala da pregação, ele é inesgotável, tal a experiência que tem, para evocar e histórias muito cheias de vida para contar. E ei-lo enumerando e ilustrando à sua maneira os meios para bem pregar, ou exatamente para pregar à maneira de missionário, empregando de vez enquanto, palavras de desculpas e de aparente contrição: “Ah! Ah! Eu sou um miserável, que não sabe ser breve; agüentai-me, senhores Padres! Queira Deus que tenhamos todos um mesmo coração, que permaneçamos todos intimamente unidos pela observância deste divino método!” (Coste XI, 278-279). E ele continua... e só chegou ao quarto meio, quando este relógio importuno toca de novo... “Eis o quarto meio, depois do qual termino: é a de bem pedir a Deus..., pedir com freqüência a Deus; é um dom de Deus, é preciso pedir-lhe. Ah! Eis o quarto de hora... Oh Salvador! Eu faço, eu faço...” (Coste XI, 282). Ele terminou tão bem que continuam ainda cinco boas páginas de conselhos e recomendações!

Sabe-se que Vicente de Paulo provocou na Igreja uma verdadeira revolução sobre a pregação. No seu tempo, ou não se pregava nada (era assim nos campos, o que explica a

ignorância desta pobre gente), ou então os sermões eram grandes peças de literatura, aliás, mais freqüentemente pagãs do que cristãs. Na Conferência que acabamos de evocar, o Padre Vicente com uma inspiração irresistível ridicularizava estas maneiras de pregar, “estas pregações *coeli coelorum* que passam acima das cabeças e das casas... todos estes belos discursos de aparato que gritam alto, fazem grande barulho, eis tudo!...Eles farão medo talvez, à força de gritar com um tom de não sei o quê; esquentarão o sangue, excitarão desejos... mas, tudo isto passa depressa e o discurso permanece inútil...”, e o Padre Vicente conclui: “Viva a simplicidade!”

Com efeito, sua revolução encontra-se aqui: pregar bem e simplesmente, à maneira de Jesus Cristo e dos Apóstolos, insistindo sobre dois pontos: o Evangelho e a vida. Não temos que pregar senão o Evangelho e nada mais, fazendo-o como Jesus Cristo: “Deus está com os simples e os humildes, ele os assiste, abençoa seus trabalhos, seus empreendimentos. O quê! Acreditar que Deus assistirá uma pessoa que busca a perder-se, como aqueles que pregam de outra maneira e não simples e humildemente: que pregam sobre si mesmos... Oh! meus irmãos, meus queridos irmãos, se soubésseis que mal faz pregar da maneira diferente de Nosso Senhor Jesus Cristo aqui na terra, não foi assim que fizeram os apóstolos e fazem vários servos de Deus ainda hoje, vós teríeis horror!” (Coste XII, 23).

O EVANGELHO, pois, e, sobretudo, não falar de si mesmo! O Padre Vicente faz severas advertências àqueles que aproveitam da pregação para fazer passar suas idéias pessoais. (Dir-se-ia hoje: suas opiniões, suas opções): “... Subis, pois, ao púlpito, não para pregar Deus, mas vós mesmos e para vos servirdes (oh! que crime!) de uma coisa tão santa que é a Palavra de Deus, para alimentar e fomentar vossa vaidade! Oh Salvador! Divino Salvador!” (Coste XI, 276-277).

A Palavra de Deus, pois, e nada mais que a Palavra de Deus! Mais ainda, é preciso preocupar-se em estabelecer contato entre esta Palavra eterna e A VIDA REAL e concreta das pessoas. É o que o Padre Vicente chama “descer ao particular” isto é, aos casos concretos e às situações de vida. É o que Vicente, ele mesmo, fez em Folleville e Châtillon. Quando se percorre as conferências de São Vicente, particularmente as que ele destinou às Filhas da Caridade (cf. Coste IX e X), esta preocupação constante de atingir a vida real, é evidente. É então, sobretudo, que o Padre Vicente sentia-se à vontade e sua pregação se tornava eficaz e provocadora.

Não desenvolvo mais este meio que utilizou São Vicente para despertar e animar a fé de seu tempo; seria injusto e difícil não tê-lo pelo menos evocado.

2. A CATEQUESE

Este segundo meio privilegiado, Vicente de Paulo o chama, aliás, como nós o denominávamos não faz muito tempo, de catecismo. Neste domínio ele foi muito mais ainda do que no da pregação, um inovador. No transcurso de sua experiência como missionário, mui rapidamente ele percebeu que o CATECISMO era uma meio para despertar e animar a fé muito superior à pregação. Aliás, nos seus planos de missões paroquiais, ele lhe dava mais e mais um lugar preponderante. Segundo ele para cada dia de missão era preciso prever dois momentos de catecismo: o pequeno catecismo, durante o dia, para as crianças e o grande catecismo, à noite, para os adultos. O Padre Vicente teve a ocasião de chamar, severamente, a atenção dos missionários que suprimiam o catecismo da noite para substituí-lo por uma pregação: “Fiquei bem triste”, escrevia ele a um Padre da Missão, “ao saber que, em lugar de dar o grande catecismo da noite, vós o substituístes na vossa missão, pela pregação; o que não está certo... porque o povo tem mais necessidade deste catecismo, o qual muito aproveita” (Coste VI. 379).

Por que esta preferência pelo catecismo com relação à pregação? Certamente por causa da forma dialogada que conduz à necessidade e à garantia de uma maior simplicidade.

No catecismo, as perguntas dos ouvintes e suas respostas, obrigam constantemente ao Missionário, à Filha da Caridade ou ao leigo a se colocarem no nível do bom povo. Para expressar esta preocupação, o Padre Vicente tem uma bela expressão que, com frequência, emprega: “ajustar-se à pobre gente”. E foi assim que em toda parte onde os Missionários, as Filhas da Caridade ou os Confrades passavam, a prática do catecismo foi lançada e implantada. É inegável que desta maneira, o Padre Vicente constituiu uma extraordinária rede de catequese na Igreja de seu tempo.

O ensino do catecismo era, como vocês bem sabem, uma das grandes responsabilidades das Filhas da Caridade. Desde 1634, quando a Companhia ainda não tinha um ano, o Padre Vicente escrevia a Luísa de Marillac: “Meu Deus! Como desejo que vossas jovens se exercitem, rapidamente, na aprendizagem e aprendam bem o catecismo que vós lhes ensinai!” (Coste I, 313).

No fim de sua vida, o Padre Vicente tinha mais do que nunca, esta preocupação e esta convicção. Para percebermos bem, basta voltarmos à Conferência de 16 de março de 1659: “O meio de vos tornardes capazes para bem instruir os pobres é fazer o catecismo entre vós. Deste modo, é necessário exercitar-vos a isto tanto quanto puderdes e observar doravante esta ordem. Que haja, pois, uma que interrogue, e outra que responda, e que se faça na presença da superiora; e se ela não estiver presente, que o esteja aquela que preside em seu lugar, quem lhe contará tudo o que nesta reunião aconteceu” (Coste X, 625-626).

Luísa de Marillac intervém, sugerindo: “que as antigas tenham cuidado em ensinar o catecismo às Irmãs que começam”; o que São Vicente dá seu parecer positivo. Uma Irmã, porém, explica que no seu serviço é bem difícil encontrar um momento para isto. E o Padre Vicente, que sempre considerou o serviço dos pobres como primeira urgência, deu esta resposta que diz bastante sobre a importância que concedia à catequese dos pobres e à formação prévia das Irmãs para esta catequese: “Minha filha, até agora, nós não podíamos; mas, doravante, será preciso dizer aos pobres para não vir até tal hora que vós indicareis. E, desse modo, vós tereis bastante tempo” (... para aprender e ensinar o catecismo!). A Irmã insiste: “Meu Pai, é bem difícil marcar uma hora, porque não são apenas os doentes, mas ainda outras pessoas, como o médico ou aquele que escreve para os pobres”. E o Padre Vicente responde: “Vede, minha Irmã, a Sagrada Escritura diz que a caridade bem ordenada começa por si mesma e a alma deve ser preferida ao corpo. Ora, é uma coisa necessária que as Filhas da Caridade instruam os pobres das coisas necessárias à salvação: e para isto, é preciso que elas sejam as primeiras a serem instruídas, antes de poder ensinar aos outros” (Coste X, 627).

Quando se conhece São Vicente de Paulo e a prioridade que dá às urgências dos pobres, esta reação é bastante eloqüente e permite perceber melhor o lugar iminente que dá à catequese dos pobres, na vocação de uma Filha da Caridade.

Para despertar e animar a fé, a catequese toma claramente o lugar da pregação. Mas, entre os métodos catequéticos, o Padre Vicente dá uma importância privilegiada ao que poderíamos chamar de catequese ocasional e espontânea. “Sei muito bem como se fazia no começo da Companhia”, lembra o Padre Vicente aos Missionários, na Conferência de 17 de dezembro de 1656, sobre o dever de catequizar os pobres. Ele prossegue: “Sei muito bem que a Companhia estava na prática exata de não deixar passar a ocasião de ensinar um pobre, que não o tenha feito; se visse que este tivesse necessidade, seja de Padres, seja de clérigos, seja dos nossos irmãos coadjutores, indo e vindo. Se encontravam algum pobre, algum menino, algum bom homem, eles lhes falavam, viam se conheciam os mistérios necessários à salvação; e se observassem que não o sabiam, ensinavam-lhes. Não sei se hoje ainda se tem este cuidado em observar esta santa prática, - não falo daqueles que vão aos campos, chegando às hospedarias, pelos caminhos. Se isto

acontece, é preciso agradecer a Deus e lhe pedir a perseverança para a Companhia; se não, se nos relaxamos, é preciso pedir a graça para nos levantarmos” (Coste XI, 381-382).

Na mesma linha, quantas vezes o Padre Vicente lembrou às Filhas da Caridade a importância do que chamava de “uma boa palavra”, isto é, um anúncio de Jesus Cristo, adaptado à situação presente. Esta forma de despertar e de animar a fé teve a preferência de Vicente de Paulo, porque ele percebia que ela penetrava o homem, na sua vida concreta. Nesta mesma Conferência, ele evoca a este respeito o exemplo de Nosso Senhor, “quando ele ia se sentar na pedra que estava próxima ao poço, começou por instruir a mulher que ali estava, pedindo-lhe água. Mulher dá-me desta água, lhe diz ele” (Coste XI, 383). E muito concreto como sempre, o Padre Vicente sugere aos Missionários para pedir a um, depois ao outro: Pois bem! Como se comportam vossos cavalos? Como vai isso? Como vai aquilo? Como vós vos comportais? E assim, por algo semelhante para depois passar ao que desejamos. Os irmãos que estão no jardim, na sapataria, na costura, a mesma coisa; e o mesmo os outros; a fim de que não haja ninguém que não tenha sido suficientemente instruído de todas as coisas necessárias à salvação; às vezes, ensinando as condições para confessar e como confessar-se bem. “Outras vezes, ensinando qualquer outro assunto, que lhes fosse útil e necessário” (Coste XI, 383). Isto significa partir da realidade, como fez Jesus com a Samaritana, para chegar ao anúncio da Palavra de Deus.

Não esqueçamos que a época de Vicente de Paulo era um período de cristandade e era quase inverossímil encontrar um ateu. Lendo hoje certas instruções do Padre Vicente e estudando seus métodos de evangelização, podemos ser tentados a pensar que isto era um pouco rápido e expeditivo, até mesmo um pouco exagerado em vista da dignidade da pessoa humana e da liberdade de consciência. Sim, isto pode parecer exagerado, mas, quando eu me aventuro no nosso hoje, eu me pergunto se o respeito da pessoa ou da liberdade de consciência que evocamos, não é com frequência um pretexto, um véu cheio de pudor e fácil, que oculta nossa intimidade e uma certa pusilanimidade. Mesmo respeitando a liberdade de consciência e considerando o fato de que somos invadidos e cercados pela falta de fé e ateísmo, creio que nosso pecado mais dissimuladamente habitual hoje, em matéria de despertar e animar a fé, é a timidez e a falta de coragem. Mesmo nos parecendo isto um pouco anacrônico, teríamos um grande interesse, ainda hoje, em ler e meditar tudo o que o Padre Vicente disse a respeito da “boa palavra”; esta forma de anúncio do Evangelho que se introduz naturalmente na conversa ou no encontro, como o fez Jesus Cristo abordando a Samaritana...

3. O SERVIÇO DOS POBRES

Este terceiro meio é sem dúvida mais importante do que a pregação e a catequese! Com efeito, em Vicente de Paulo existe um aspecto de sua espiritualidade e de sua ação, que não se enfatiza bastante: ele considera que o serviço é por excelência, meio de evangelização e meio privilegiado para despertar e animar a fé. Eu vos proponho a este respeito dois textos de base.

Primeiro se dirige aos Padres e aos irmãos da Congregação da Missão. Para compreender a dimensão verdadeiramente revolucionária é preciso lembrar-se bem da maneira como os melhores mestres espirituais do tempo apresentavam o sacerdócio. Segundo eles, o Padre devia ser o especialista do sobrenatural, o homem de Deus unicamente responsável pela salvação. Ora, eis o que dizia o Padre Vicente a seus Padres, em 6 de dezembro de 1658: “... Se houver entre nós quem pense que está na Missão para evangelizar os pobres e não para socorrê-los, para remediar suas necessidades espirituais e não as temporais, eu respondo que nós os devemos assistir e fazer assistir em todas suas necessidades, por nós e por outras pessoas, se quisermos ouvir estas agradáveis palavras do soberano juiz dos Vivos e dos mortos: Vinde, benditos de meu Pai; possuir o reino que

vos está preparado, porque tive fome e me destes de comer; estava nu e me vestistes; doente e viestes ver-me. Fazer isto, é evangelizar por palavras e por obras, e é o mais perfeito, foi o que Nosso Senhor praticou e o que devem fazer aqueles que o representam na terra por dever e caráter, como os Padres” (Coste XII, 87-88). Para Vicente de Paulo, um Padre que se fechasse no espiritual e se sentisse pouco ou nada responsável pelas realidades temporais nas quais vivem os pobres, este Padre não teria seu lugar na Congregação da Missão.

O segundo texto parece-me ainda mais forte e exigente: ele se dirigia aos mesmos missionários: “... Poder-se-ia perguntar ao Filho de Deus: Por que viestes? Foi para evangelizar os pobres. Eis a ordem do vosso Pai. Por que, pois, vos tornastes Padres? Por que lhes destes poder para consagrar, ligar e desligar, etc.? Pode-se dizer que evangelizar os pobres não se entende somente para ensinar os mistérios necessários à salvação, mas, para fazer as coisas preditas e figuradas pelos profetas, tornar efetivo o Evangelho” (Coste XII, 84). Realizar as coisas preditas e figuradas, era para o Padre Vicente segundo o texto de Isaías, anunciar aos cativos a libertação, aos oprimidos a liberdade. Para ele, uma evangelização que não fosse voltada para o anúncio da Palavra de Deus, seria uma mentira. A evangelização deve ir até tornar efetivo o Evangelho e engajar-se, para que os pobres e os oprimidos obtenham na sociedade hoje, o lugar que o Evangelho lhes dá. Com tal concepção da Evangelização, compreende-se que o serviço direto e concreto dos pobres era para o Padre Vicente como um meio privilegiado para o anúncio, o despertar e a reanimação da fé.

Encontra-se mui claramente esta convicção tanto nos regulamentos das primeiras Confrarias da Caridade (Coste XII, 417-539), quanto nas conferências às Filhas da Caridade (Coste, tomos IX-X). O serviço dos doentes e o serviço dos pobres em geral são para o Padre Vicente como uma pregação: pregação para o pobre que é acolhido e cuidado, pregação também para todos aqueles que vêem “o cuidado que tendes por eles”. Não se deve esquecer isto quando se lê e medita o verdadeiro cerimonial estabelecido pelo Padre Vicente, para o encontro com um doente (Coste XIII, 427-428).

Compreende-se perfeitamente que Vicente, conhecendo os usos e o gênero de vida dos pobres daquela época, tenha querido fazer do serviço dos pobres como uma provocação, uma manifestação da promoção humana. É uma chave de leitura que eu proponho para vocês, pensem nisso cada vez que lerem o que São Vicente disse sobre a maneira como uma Filha da Caridade deve comportar-se no serviço dos pobres. Vocês então, certamente, observarão uma minúcia no detalhe que será para vocês mais eloqüente e mais significativo. É bem claro que pelo serviço respeitoso e atencioso do pobre, Vicente de Paulo quis despertar a fé do pobre e dos que o rodeiam e revelar de alguma maneira Jesus Cristo presente neste pobre: “... servindo os pobres, serve-se Jesus Cristo. Oh minhas filhas, isto é tão verdadeiro! Vós servis Jesus Cristo na pessoa dos pobres. E isto é tão verdadeiro como estarmos aqui!” (Coste IX, 252).

4. O TESTEMUNHO

O serviço dos pobres que acabamos de falar é, evidentemente, da ordem do testemunho. Quero falar agora sobre o testemunho pessoal, da maneira pessoal de viver nossa fé.

Um dia quando o Padre Vicente falava às Filhas da Caridade sobre a modéstia, ilustra o que dizia com o exemplo de São Francisco de Assis: “São Francisco tomou um dia um irmão consigo e lhe disse: Meu irmão, vamos pregar. Quando acabou de andar pela cidade e regressou, este irmão lhe perguntou: Meu Pai, vós dissestes que iríamos pregar e, no entanto, vós não pregastes. O quê, meu Irmão, não foi uma pregação ter andado pela cidade com modéstia? É uma pregação muda. Quantas pessoas me disseram, homens que vos vêem pelas ruas: Padre, tendes umas filhas que edificam mais por sua modéstia o que não faria uma pregação; elas pegam sem dizer uma palavra” (Coste X, 379-380).

Trata-se aí da modéstia, mas, de uma maneira geral pode-se dizer que São Vicente, com relação a outros fundadores e mestres espirituais, tinha isto de particular que propunha uma perfeição extrovertida. (Desculpem-me por esta palavra bárbara emprestada à psicologia moderna). Extrovertida, isto é, voltada para os outros. Aconteceu, certamente, com vocês, lerem livros de espiritualidade mencionando a perfeição. Da minha parte, penso, sobretudo aqui, em um tratado de perfeição, em quatro volumes, obra de um certo Rodriguez, que era mais um motivo de aborrecimento e de desespero, do que de delícias para os noviços do meu tempo (1940). Era intitulado: “Da perfeição cristã” e tivemos que resumir estes quatro volumes indigestos! Meu estômago espiritual lembra-se dele ainda. Apresentavam-nos aí uma perfeição introvertida, toda voltada para o interior, para nós mesmos; uma perfeição que não era um assunto entre Deus e cada um. E é preciso confessar, muitas correntes de espiritualidade da Igreja estão mais ou menos marcadas por esta orientação.

Ora, ainda aí Vicente de Paulo teve conceitos originais e bastante revolucionários. Ele propôs uma espiritualidade, ou melhor, uma perfeição aberta ao mundo e mais precisamente sobre o mundo dos pobres. Aos Padres da Missão propõe uma perfeição missionária; às Filhas da Caridade uma perfeição de servas; uma perfeição que em um ou em outro caso era de fato uma espécie de consciência profissional.

Foi assim que entre as máximas evangélicas, ele escolheu para as Filhas da Caridade as três virtudes de simplicidade, humildade e caridade. Escolheu-as, diz ele, porque as considerava como as virtudes profissionais de uma serva dos pobres.

Seria preciso retomar aqui as três conferências de fevereiro de 1653 sobre o espírito da Companhia das Filhas da Caridade (Coste IX, 581-609). Seu estudo é particularmente interessante e revela que naquele momento, Vicente de Paulo determina as três virtudes características das Filhas da Caridade, podemos segui-lo quase passo a passo em seu trabalho de seleção. Ele faz uma sondagem na Comunidade, ele reflete e enfim escolhe pouco a pouco. As motivações de sua escolha são eloqüentes. Se tiverem tempo para analisar estes textos, vocês compreenderão que São Vicente lhes propôs uma perfeição “extrovertida” em relação direta com o serviço, toda voltada para os Pobres e para Jesus Cristo presente nos Pobres. Assim a vida pessoal de vocês, sua busca de Deus, sua intimidade com o Cristo se tornarão testemunho e vocês disporão então do meio, talvez, mais eficaz, para despertar e animar a fé.

Eis aí o projeto de São Vicente para seu tempo; para as Filhas da Caridade e para os Pobres de seu tempo. São vocês que devem ver se estas pistas conservam seu valor. Vocês devem ver COMO TRADUZIR as intuições de São Vicente na sua vida concreta, e nos seus meios.

Padre Jean Morin, cm

FONTES E ATUALIDADES

Carta de Santa Bernadete Soubirous a uma Filha da Caridade

Publicamos, dentro do 150º aniversário das aparições de Lourdes, um documento dos Arquivos da Casa Provincial das Filhas da Caridade, da Província de Nápoles: uma carta de Bernadete Soubirous a uma Filha da Caridade: Irmã Constance de Paneboeuf.

A escritura desta carta sobre papel branco, tem a dimensão normal (13,5 x 21 cm), está datada de 18 de dezembro de 1865, em Lourdes. Amarelada pelo tempo, apresenta “caráter de uma autenticidade incontestável”: o estilo é o de Bernadete, com algumas correções de ortografia feita por uma Irmã. O nome da destinatária não aparece na carta, mas, certamente, estava no envelope, agora perdido. Como, então, pensou-se na pessoa de Irmã Paneboeuf? Nos Arquivos, encontra-se a seguinte anotação: “No dia 15 de março de 1906, falecia em Nápoles, no “Refúgio dos Pobres”, a Irmã Constance, Aglaé, Marie Paneboeuf, com 79 anos de idade.”

Ora, na 30ª edição do livro de “Bernadete” (Paris, Lethellieux, 1933), o Padre André Ravier, Jesuíta, menciona esta carta e faz a ligação com Irmã Constance, Filha da Caridade, a quem se tinha confiado a instrução de Bernadete, por ocasião de sua estada, em Tarbes, (de maio de 1856 a junho de 1857). Com efeito, nesta época (1856-1860), Irmã Constance era professora das jovens, na escola de Tarbes. O Padre Ravier esclarece que esta carta chegou às mãos de Irmã Constance.

QUEM É IRMÃ CONSTANCE?

Em Isle en Jourdain

Nascida no dia 6 de outubro de 1827 em Isle en Jourdain (França); Constance viveu sua infância feliz no seio da nobre família dos Marqueses de Paneboeuf. Aos 20 anos, quando manifesta sua intenção de entrar com as Filhas da Caridade, seu pai não quer ouvir nada, recusa seu pedido e a exclui de sua herança. A jovem entra decididamente na Companhia.

Montpellier

No final de seu Seminário, Irmã Constance é enviada ao Hospital de Montpellier, onde fica a serviço das órfãs. Com uma disponibilidade extraordinária, aceita todas as tarefas, sejam elas quais forem. Durante a guerra da Criméia (1854-1856), a cólera estoura e Irmã Constance é enviada às Ambulâncias e trabalha com suas Irmãs no serviço dos feridos do campo de batalha. Os doentes amontoados, sucumbem, hora após hora, vítimas de infecção e feridas de guerra. Numerosos são os feridos que Irmã Constance ajuda a se converter, como dá testemunho um jovem oficial confiado a seus cuidados; a guerra termina, ele pede demissão do exército e entra com os Franciscanos e, mais tarde, será elevado à dignidade episcopal. Este não se esquece jamais de escrever, periodicamente, à “sua mãe espiritual”, como ele gostava de chamá-la.

Tarbes (1856-1860): o encontro com Bernadete

De 1856 a 1860, Irmã Constance permanece em Tabes, dando aula. Aí tem a ocasião de ajudar Bernadete que se encontra na cidade, na casa de sua tia, Bernarde Castérot, que a emprega como servente em seu cabaré, enquanto que a família Soubroux permanece em grande necessidade. Depois deste tempo, relativamente curto, Irmã Constance e Bernadete continuarão a manter contato e se escreverão durante alguns anos. A lembrança de Bernadete permanecerá indelével no pensamento de Irmã Constance, a tal ponto que no momento de morrer ela esperava sempre a visita de Bernadete e dizia: “Não morrerei imediatamente, porque Bernadete não chegou ainda”.

A missão de Irmã Constance depois de Tarbes (1860)

Em Portugal

Irmã Constance foi enviada a Lisboa, perto da Rainha Isabel, na Comunidade das Filhas da Caridade, com quem servem os Pobres. Três anos depois, a Rainha foi exilada e as Irmãs foram expulsas.

Na Itália

Em 1866, Irmã Constance chega a **Nápoles** a serviço dos doentes de cólera. Ela cai doente e escapa milagrosamente da morte, graças à Medalha Milagrosa. Durante este tempo, a casa do “**Refúgio dos Pobres**” estava numa situação crítica: tinha-se necessidade de uma Irmã para ocupar-se das órfãs. Não encontrando Irmã, o Comissário real confia a direção a uma pessoa leiga, que se mostra incapaz de administrar esta obra difícil. Estoura uma revolta. As Filhas da Caridade do Hospital da Trindade, onde se encontrava Irmã Constance, são chamadas para intervir. Depois da limpeza e desinfecção dos locais e graças a ascendência moral das Irmãs, a revolta se acalma. Irmã Constance permanecerá 10 anos na casa do “**Refúgio dos Pobres**”. Ela viverá muitas situações difíceis, guardando sempre sua serenidade e seu humor.

Depois, foi enviada ao Hospital de **Caltagirone**. Nesta cidade, abre a Obra dos “*Tampinelle*”: ela acolhe jovens da rua, oferece-lhes alimentos e roupas, dá-lhes uma formação em vista de um trabalho e as inicia à fé cristã. Tendo herdado um terreno, pertencente à sua família, aí faz construir uma casa para acolher estas jovens e começa assim uma obra que se prosseguirá durante numerosos anos. Consegue também encaminhar ajuda importante em favor do Hospital de Caltagirone, que está em grande dificuldade.

Em 1888, Irmã Constance foi nomeada **Irmã Servente do “Refúgio dos Pobres”**, em **Nápoles**, onde todo mundo se lembra dela. Tão trabalhadora e tão humilde, ninguém desconfia de suas origens nobres. Os últimos anos foram difíceis. Depois de muitas provações, Irmã Constance morre em 1906. Nos seus funerais, participaram mais de 700 pessoas, dentre as quais muitos pobres e crianças que queriam honrar a caridade desta boa filha de São Vicente.

Teresa TORTORIELLO

Extraído de “*Informazione Vincenziana*”.

Abaixo, transcrição fiel da carta de Bernadete à Irmã Constance:

Minha querida Irmã,

Favor perdoar-me por não ter respondido logo vossa afetuosa carta, com o frio fiquei retida no leito com uma forte gripe, estando desde ontem melhor, consagro-vos com felicidade meus primeiros momentos livres. Os breves instantes que passei convosco, não se apagam jamais de minha memória, lembram-me com felicidade de uma pessoa com a qual tenho um carinho todo especial, queira, pois, acreditar que eu não vos esquecerei jamais.

Com a ajuda de minhas orações, elas não vos deixarão morta, fiquei certa, mas, infelizmente, elas são bem fracas. Em retorno, permiti-me vos pedir uma pequena intenção nas vossas, pois tenho muita necessidade.

Faço com toda a Comunidade a novena pela pobre que vós vos interessais, e não nos esqueçamos daquelas que faremos ainda, é preciso que a todo custo Nossa Senhora de Lourdes nos alcance o que vós desejais. A capela da grata está bem avançada; a cripta está quase terminada, a primeira missa será em breve, prometo-vos pensar em vós quando tiver a felicidade de aí assistir a missa; esperando este feliz dia, queira acreditar nos meus sentimentos muito respeitosos.

Bernadete Soubirous

Lourdes, 18 de dezembro de 1865

ÍNDICE DAS MATÉRIAS DE 2008

VIDA ESPIRITUAL

SUPERIORES GERAIS

Padre Gregory GAY

Cartas

• Quaresma 2008.....	jan.-fevereiro	19
• Carta de 14 de março de 2008	março-abril	75
• Especial do 100º aniversário da Associação da Medalha milagrosa : “100 anos de caminhada com Maria, unidos a Jesus nos pobres pela Medalha milagrosa”.....	maio-junho	156
• Carta de 18 de julho de 2008: A todos os membros da família vicentina	julho-agosto	245
• Advento 2008.....	nov.-dezembro	394

Irmã Evelyne FRANC

Sínodo dos Bispos em Roma (5-26 de outubro de 2008)

• Intervenção de Irmã Evelyne Franc, Auditora no Sínodo, 14 de outubro de 2008.....	nov.-dezembro	386
-------------------------------------------------------------------------------------	---------------	-----

Cartas

• Carta de 1º de janeiro de 2008.....	jan.-fevereiro	3
• Carta de 2 de fevereiro de 2008.....	jan.-fevereiro	6
• Carta de 14 de março de 2008.....	março-abril	75
• Carta de 10 de maio de 2008.....	maio-junho	154
• Carta de 15 de agosto de 2008.....	julho-agosto	234
• Carta de 7 de novembro de 2008	nov.-dezembro	392

Visitas

• Província da África Central, 28 de julho de 2007 As Irmãs da Província.....	março-abril	117
• Província da Irlanda, 14 de março de 2008 Irmãs Rosaleen MacMahon e Elma Hurley, Filhas da Caridade.....	maio-junho	199
• Província da Bolívia, 12 de fevereiro de 2008 Irmã Andrea Emçerita Medina, Filha da Caridade	julho-agosto	284
• Província da Eritreia, 26 de julho de 2008 As Irmãs da Província	julho-agosto	354
• Visita em Tanzânia, 16 de agosto de 2008 As Irmãs de Masanga	nov.-dezembro	424

Padre Javier Alvarez

Conferências

• “A outra margem”	jan.-fevereiro	25
• Reflexão para as próximas Assembléias provinciais	março-abril.	78
• Dar razão da esperança que está em vós (1Pedro 3, 15)	julho-agosto	237
• A autoridade-serviço	julho-agosto	314

Pistas para a jornada mensal de reflexão e de oração

• “Ele não está mais aqui, ressuscitou” (Mc 16, 6)	jan.-fevereiro	34
• “Servi ao Senhor com alegria” (Sl 99, 2).....	nov.-dezembro	398

ESCRITOS

• A formação de uma serva dos pobres ao profetismo		
----------------------------------------------------	--	--

•	Irmã Julma Neo, Conselheira geral.....	março-abril	91
•	• Maria, “-Profeta de um Deus Amor e Força de Esperança para os pobres-”		
•	Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade.....	maio-junho	159
•	• Especial do 150º aniversário das Aparições de Lourdes: “-Janela sobre o outro mundo-”		
•	• Padre André Doze (Trecho dos Atos do Colóquio do Jubileu de 2008). A Eucaristia na Escola de Maria	maio-junho	164
•	• Padre Guillaume de Menthière, professor de mariologia e de patrística	julho-agosto	91
•	• Autoridade da Igreja, autoridade na Igreja		
•	• Monsenhor Jérôme Beau, Bispo auxiliar de Paris.....	julho-agosto	326
•	• Homilia do Papa Bento XVI por ocasião da missa pelos doentes na esplanada do Rosário em Lourdes (15 de setembro de 2008)..	julho-agosto	336
•	• Homilia da Eucaristia de 27 de novembro de 2008 na Capela da Medalha milagrosa		
	• Dom Jean-Michel Di Falco, Bispo de Gap e de Embrun	nov.-dezembro	408

DESAFIOS ATUAIS

•	Indicações para discernir: “- De um modelo de modernidade a outro -”		
•	• Padre Joseph-Marie Verlinde, fraternidade monástica da família de São José	março-abril	102
•	Indicações para discernir: “A deriva das revelações neo-pagãs”		
•	• Padre Joseph-Marie Verlinde, fraternidade monástica da família de São José.....	maio-junho	176
•	• Introdução	julho-agosto	273
•	• “Servir com criatividade e compaixão as pessoas encarceradas”		
•	• Província de Los Altos Hills (Califórnia)		
•	• Irmã Christina Maggi, Filha da Caridade	julho-agosto	274
•	• “O Comitê Internacional das Filhas da Caridade sobre o tráfico Humano”		
•	• Província da Albânia (Nova-Yorque)		
•	• Irmãs Donna Franklin e Joanne Dress, Filhas da Caridade	julho-agosto	305
•	• “Serviço às famílias de migrantes em seus países de origem”		
•	• Província das Filipinas		
•	• Irmãs Maria Teresa Mueda e Teresita Laguna, Filhas da Caridade	julho-agosto	342
•	• “A maneira de enfrentar a missão das Filhas da Caridade no Centro dos doentes de aids de Mai-Hoa”		
•	• Província do Vietnã		
•	• Irmã Tue Linh, Filha da Caridade.....	julho-agosto	349
•	• A missão no Cazaquistão: “A pastoral da presença”		
•	• Província de Chelmno (Polónia)		
•	• As Irmãs em missão no Cazaquistão	nov-dezembro	412
•	• A missão em Balta, Ucrânia		
•	• Província de Cracóvia (Polónia)		
	• As Irmãs em missão em Balta	nov-dezembro	419

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

Designação das Visitadoras e Nomeações dos Diretores

Visitadoras

•	Etiópia	maio-junho	197
•	Madagascar.....	maio-junho	197
•	Chile	maio-junho	197
•	Grã Bretanha	maio-junho	197
•	Albânia (USA).....	maio-junho	197
•	Los Altos Hill (USA).....	maio-junho	197
•	Moçambique	nov.-dezembro	422
•	Santo Domingo	nov.-dezembro	422

•	Eslovênia.....	nov.-dezembro	422
•	Congo-Congo	nov.-dezembro	422
•	Oriente Médio.....	nov.-dezembro	422
•	Siena.....	nov.-dezembro	422
•	Granada	nov.-dezembro	422
•	Indonésia.....	nov.-dezembro	422

Diretores

•	Barcelona.....	maio-junho	197
•	Chile.....	maio-junho	197
•	Eritréia.....	maio-junho	197
•	Haiti.....	maio-junho	197
•	Emmitsburgo (USA).....	maio-junho	197
•	África Central.....	maio-junho	197
•	Recife.....	maio-junho	197
•	Eslovênia.....	maio-junho	197
•	Portugal.....	maio-junho	197
•	Tailândia.....	maio-junho	197
•	Porto Rico.....	maio-junho	197
•	Eslováquia.....	maio-junho	197
•	Hungria.....	maio-junho	197
•	Fortaleza	nov.-dezembro	423
•	Etiópia	nov.-dezembro	423
•	Rio de Janeiro	nov.-dezembro	423
•	Belo Horizonte	nov.-dezembro	423
•	América Central	nov.-dezembro	423
•	Calí	nov.-dezembro	423
•	Congo-Congo	nov.-dezembro	423
•	Haiti.....	nov.-dezembro	423
•	Moçambique	nov.-dezembro	423

VISITAS DOS SUPERIORES

•	Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral: Visita na Província da África Central, 28 de julho de 2008 As Irmãs da Província	março-abril	117
•	Mère Evelyne Franc e Irmã Margaret Barrett, Assistente geral: Visita da Irlanda, 14 de março de 2008 Irmãs Rosaleen MacMahon e Elma Hurley, Filhas da Caridade.....	maio-junho	199
•	Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira geral: Visita da Província da Bolívia em 12 de fevereiro de 2008 Irmã Andrea Emçerita Medina, Filha da Caridade	julho-agosto	284
•	Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral: Visita da Província da Eritréia, 26 de julho de 2008 As Irmãs da Província.....	julho-agosto	354
•	Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral: Visita em Tanzânia, 16 de agosto de 2008 As Irmãs de Masanga	nov.-dezembro	424

BEATIFICAÇÕES

IRMÃ LINDALVA JUSTO DE OLIVEIRA, BEATIFICADA EM 2 DE DEZEMBRO DE 2007

•	Província de Recife: Homilia da beatificação de Irmã Lindalva em Salvador - Bahia, em 2 de dezembro de 2007 Cardeal Garaldo Majello Agnelo, Arcebispo de Salvador.....	jan.-fevereiro	39
•	Beatificação em Salvador - Bahia: “Uma experiência marcante... um momento sagrado... um lugar sagrado... Deus estava ali ” As Irmãs do Conselho geral	jan.-fevereiro	42

IRMÃ GIUSEPPINA NICOLI, BEATIFICADA EM 3 DE FEVEREIRO DE 2008

•	Província da Sardenha: Quem foi Irmã Giuseppina Nicoli?	jan.-fevereiro	46
---	--------------------------------------------------------------	----------------	----

- Província da Sardenha: Celebrações da beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli, Cagliari, 3 de fevereiro de 2008 : “Quero ser toda do Senhor”
Irmã Maria Ida Cislaghi, Filha da Caridade (Província de Turim)... jan.-fevereiro 42

IRMÃ MARTA WIECKA, BEATIFICADA EM 24 DE MAIO DE 2008

- Província de Cracóvia: Irmã Marta Wiecka, beatificada em 24 de maio de 2008 a Lvov na Ucrânia
As Irmãs da Província março-abril 121

Vida das Províncias

ÁFRICA

África Central

- Nomeação do Diretor Provincial..... maio-junho 197

Congo-Congo

- Designação da Visitadora nov.-dezembro 422
- Nomeação do Diretor Provincial..... nov.-dezembro 422

Eritreia

- Nomeação do Diretor Provincial..... maio-junho 197
- Visita de Mère Evelyne Franc e de Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral, em 26 de julho de 2008
As Irmãs da Província julho-agosto 354

Etiópia

- Designação da Visitadora por mais três anos..... maio-junho 197
- Renomeação do Diretor Provincial por mais três anos nov.-dezembro 423

Madagascar

- Designação da Visitadora por mais três anos..... maio-junho 197

Moçambique

- Encontro dos Conselhos provinciais do continente africano
Irmã Elsa Fatima Uassiquete, correspondente dos Ecos..... jan.-fevereiro 54
- Designação da Visitadora nov.-dezembro 422
- Nomeação do Diretor Provincial nov.-dezembro 423

Tanzânia

- Visita de Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral, em 16 de agosto de 2008
As Irmãs de Masanga nov.-dezembro 424

AMÉRICA DO NORTE

Albânia, Nova York

- Designação da Visitadora maio-junho 197
- O Comitê Internacional das Filhas da Caridade sobre o tráfico humano
Irmãs Donna Franklin e Joanne Dress, Filhas da Caridade..... julho-agosto 280

Emmitsburgo

- Nomeação do Diretor Provincial maio-junho 198

Los Altos Hill

- Designação da Visitadora maio-junho 197
- Servir com criatividade e compaixão as pessoas encarceradas
Irmã Christina Maggi, Filha da Caridade..... julho-agosto 274

AMÉRICA LATINA

América Central

•	Renomeação do Diretor Provincial por mais três anos.....	nov.-dezembro	423
Bolívia			
•	Visita de Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca L. Tamayo, Conselheira geral, em 12 de fevereiro de 2008 Irmã Andrea Emçerita Medina, Filha da Caridade	julho-agosto	284
Brasil			
<i>Amazônia</i>			
•	5º encontro interprovincial do serviço de animação vocacional vicentina Irmãs Anagilsa Sampaio Bentes, Cecília Sá Miranda, Maria Rejiane da Mata Dias, Filhas da Caridade	maio-junho	203
<i>Belo Horizonte</i>			
•	Renomeação do Diretor Provincial por mais três anos	nov.-dezembro	423
<i>Fortaleza</i>			
•	Renomeação do Diretor Provincial por mais três anos	nov.-dezembro	423
<i>Recife</i>			
•	Homilia da beatificação de Irmã Lindalva em Salvador - Bahia em 2 de dezembro de 2007 Cardeal Geraldo Majello Agnelo, Arcebispo de Salvador	jan.-fevereiro	39
•	Beatificação em Salvador - Bahia: “Uma experiência marcante, um momento sagrado, um lugar sagrado... Deus estava ali !” As Irmãs do Conselho geral	jan.-fevereiro	42
•	Nomeação do Diretor Provincial	maio-junho	198
<i>Rio de Janeiro</i>			
•	Nomeação do Diretor Provincial	nov.-dezembro	423
Chile			
•	Designação da Visitadora	maio-junho	197
•	Nomeação do Diretor Provincial	maio-junho	198
Colômbia			
<i>Cali</i>			
•	Formação dos pais de crianças deficientes para se tornar “ co-terapeutas ” Irmã Lucia Gomez Oviedo, correspondente dos Ecos.....	maio-junho	179
•	Renomeação do Diretor Provincial por mais três anos	nov.-dezembro	423
Haiti			
•	Nomeação do Diretor Provincial por um ano	maio-junho	198
•	Nomeação do Diretor Provincial	nov.-dezembro	423
Peru			
•	Após o tremor de terra, o amor e a esperança renascem Irmã Marina Melendez, Visitadora	jan.-fevereiro	55
•	150º aniversário de chegada do carisma vicentino no Peru Irmã Mery Sanjinez Bautista, Filha da Caridade	março-abril	126
Porto Rico			
•	Nomeação do Diretor Provincial	maio-junho	198
Santo Domingo			
•	Designação da Visitadora	nov.-dezembro	422
Venezuela			
•	O nascimento de uma estrela (Notícias breves)	julho-agosto	373

ÁSIA

Índia do Norte

- A responsabilização de jovens mulheres de origem tribal
Irmã Rosalie Palayoor, Filha da Caridade julho-agosto 287

Indonésia

- Designação da Visitadora nov.-dezembro 422

Filipinas

- Serviço às famílias de migrantes em seus países de origem
Irmãs Maria Teresa Mueda e Teresita Laguna, Filhas da Caridade ... julho-agosto 342

Oriente Médio

- Designação da Visitadora por mais três anos..... nov.-dezembro 422

Tailândia

- Renomeação do Diretor Provincial maio-junho 198

Vietnã

- A maneira de enfrentar a missão das Filhas da Caridade no Centro dos doentes de aids de Mai-Hoa
Irmã Tue Linh, Filha da Caridade set.-outubro 349

EUROPA

Espanha

Barcelona

- Nomeação do Diretor Provincial maio-junho 198

Granada

- Designação da Visitadora por mais três anos nov.-dezembro 422

São Sebastião

- Missão do Tchad – Colaborar com nossos irmãos protestantes
A Comunidade de Bealem set.-outubro 360

Grã Bretanha

- Designação da Visitadora maio-junho 197

Hungria

- Renomeação do Diretor Provincial por mais três anos..... maio-junho 198

Irlanda

- Abertura de um Seminário no Quênia
Irmã Catarina Madigan, Filha da Caridade março-abril 124
- Visita de Mère Evelyne Franc e Irmã Margaret Barrett,
Assistente geral, 14 de março de 2008
Irmãs Rosaleen MacMahon e Elma Hurley, Filhas da Caridade maio-junho 199

Itália

Sardenha

- Beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli
Quem foi Irmã Giuseppina Nicoli? jan.-fevereiro 46
- Celebrações da beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli,
Cagliari, 3 de fevereiro de 2008: “Quero ser toda do Senhor”
Irmã Maria Ida Cislighi, Filha da Caridade (Prov. Turim) jan.-fevereiro 48

<i>Siena</i>		
• Um Pálio para honrar os 150 anos de presença das Filhas da Caridade em Siena		
Das Irmãs da Província	set.-outubro	368
• Designação da Visitadora por mais três anos	nov.-dezembro	422
Polônia		
<i>Chelmno</i>		
• Missão no Cazaquistão: “A pastoral da presença”		
As Irmãs em missão no Cazaquistão.....	nov-dezembro	412
<i>Cracóvia</i>		
• Irmã Marta Wiecka, beatificada em 24 de maio de 2008 a Lvov na Ucrânia	março-abril	121
• Missão em Balta, Ucrânia		
As Irmãs em missão em Balta	nov-dezembro	419
<i>Varsóvia</i>		
• A alegria de estar a serviço das crianças deficientes mentais		
A Comunidade de Lbiska	julho-agosto	363
Portugal		
• Renomeação do Diretor Provincial por mais três anos	maio-junho	198
Quase-Província		
• Casa-Mãe: Encontro dos Diretores provinciais recentemente nomeados (Paris, 26 de março – 2 de abril de 2008)		
Padre Fernando Macias Fernandez, Diretor provincial do Chile...	julho-agosto	291
• O amor é uma força! “Minha fé me salvou ”		
Trecho do jornal <i>Pèlerin</i> n° 6554	julho-agosto	297
• A visita do Papa Bento XVI em França		
Irmã Marie, Filha da Caridade	julho-agosto	365
• Meu encontro com Bento XVI		
Liliane	julho-agosto	370
Eslováquia		
• Nomeação do Diretor Provincial	maio-junho	198
Eslovênia		
• Nomeação do Diretor Provincial	maio-junho	198
• Designação da Visitadora	nov.-dezembro	422
Suiça-Turca		
• Saúde para todos, respeito por todos		
As Irmãs da Casa Provincial	jan.-fevereiro	56
• 30º Encontro europeia dos jovens em Gênova animada pela Comunidade de Taizé: “A peregrinação da confiança”		
Irmã Catherine e Irmã Emmanuelle, Filhas da Caridade.....	março-abril	129
• Precioso sacrifício		
Trecho do jornal <i>Presença</i> (Igreja Católica na Turquia)	maio-junho	209
NOTÍCIAS BREVES		
• Irmã Evelyne Franc, Auditora na XII Assembléia geral		
Ordinário do Sínodo dos Bispos em Roma (5-26 de outubro de 2008).	julho-agosto	372
• O nascimento de uma estrela! (Província da Venezuela)	set.-outubro	373
• 61ª Conferência anual DPI/ONG para comemorar o 60º aniversário da Declaração universal dos direitos humanos	set.-outubro	385

HISTÓRIA DA COMPANHIA

Especial do Centenário do nascimento de Mère Guillemín

Mère Suzanne Guillemín, 1906-1968, Filha de Deus, Filha da Igreja, Superiora geral da Companhia		
• VII – Continuação do período pós-conciliar Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos	jan.-fevereiro	58
• VIII – Continuação do período pós-conciliar: “Mère Guillemín a serviço da Igreja” Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos	março-abril	132
• IX – Mère Guillemín, da palavra ao ato Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos	maio-junho	211

No tempo de São Vicente... e Hoje

• Introdução	julho-agosto	300
• Vicente de Paulo e o Espírito Santo I – Espírito Santo, quem és tu? Padre Jean Morin, cm	julho-agosto	301
• II – Espírito Santo, que fazes tu? Padre Jean Morin, cm	set.-outubro	374
• A fé de São Vicente I – São Vicente, aquele que crê II – São Vicente, aquele que desperta e anima a fé Padre Jean Morin, cm	nov.-dezembro	428

Fontes e atualidades

• Carta de Santa Bernadete Soubirous a uma Filha da Caridade Teresa Tortoriello (Trecho de “Informazione Vincenziana”!).....	nov.-dezembro	451
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------	-----

Cobertura

• Palavra de Mère Guillemín	jan.-fevereiro	
• Mère Guillemín, consultora da Congregação dos Religiosos.....	março-abril	
• Oração de João Paulo II a Nossa Senhora de Lourdes.....	maio-junho	
• Vicente de Paulo e o Espírito Santo.....	julho-agosto	
• 61ª Conferência anual DPI/ONG para comemorar a 60ª aniversário da Declaração universal dos direitos humanos.....	set.-outubro	
• A fé de São Vicente.....	nov.-dezembro	

A FÉ DE SÃO VICENTE

I – São Vicente, aquele que crê

- 1 - o Cristo
- 2 – o Evangelho
- 3 – a Igreja
- 4 – o Acontecimento

II – São Vicente, aquele que desperta e anima a fé

- 1 – a Pregação
- 2 – a Catequese
- 3 – o Serviço dos Pobres
- 4 – o Testemunho